

Aipal

No coração de Espinho, desde 1964

Parabéns à nossa Cidade!

DEFESA DESPINHO

Edição Especial
50.º aniversário da
cidade de Espinho

Quinta-feira, 15 de junho de 2023 | Edição n.º 4754 · Ano 90 · Semanário · Diretor Nuno Oliveira · defesadeespinho.sapo.pt · Edição gratuita



ilustração Marta B Sousa

CONSULTE
AQUI AS DATAS



gruposolverde.pt

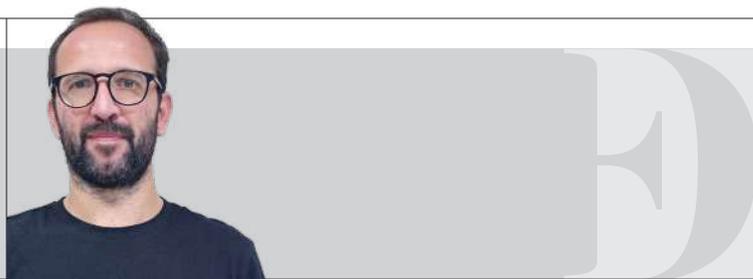


CASINO ESPINHO FUEGO THE SHOW

JANTAR ESPECTÁCULO

SOLVERDE
CASINOS · HOTELS

visto daqui



Uma edição muito especial

4 a 6 | César Moreira Baptista: o ministro espinhense que ajudou na elevação de Espinho a cidade

Secretário de Estado e Ministro, César Moreira Baptista foi o primeiro espinhense a ocupar cargos de liderança no governo. Apesar da sua vida ter sido passada maioritariamente em Lisboa, tinha o hábito de vir à terra natal onde era recebido com pompa e circunstância

8 a 11 | Efeméride. Uma piscina e uma marca na imagem de uma cidade

A Piscina Solário Atlântico vai completar no próximo mês 80 anos. Foi um dos grandes investimentos de Espinho, que nasceu em 1943. Um sonho dos espinhenses que se tornou realidade e que constitui uma das marcas mais significativas para o turismo. Por lá passaram gerações e foi alvo de várias alterações. A história de uma infraestrutura que continua a ser um dos maiores símbolos da cidade.

12 a 15 | 50 registos dos 50 anos de história da cidade

Meia centena de factos ilustram um pouco de uma rica memória de meio século da cidade de Espinho. Foram alguns dos acontecimentos que consideramos terem sido mais relevantes e que avivam a memória dos espinhenses.

18 e 19 | Cinco aniversariantes de 16 de junho falaram com a Defesa de Espinho sobre o seu dia e cidade

Cada um partilha as suas preocupações, motivos de orgulho e expectativas para Espinho.

24 a 26 | A opinião dos espinhenses

Cidadãos revelam qual seria o presente ideal para Espinho no 50º aniversário.

27 a 29 | Reportagem. Uma jovem academia no mais antigo clube de golfe

A Academia de Golfe é um dos mais recentes projetos do centenário Oporto Golf Club, o mais antigo da Península Ibérica. Desde 2019 tem vindo a formar jovens golfistas já é uma referência no país e motivo de orgulho do clube. Funciona diariamente, com dois profissionais, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento e a aprendizagem de cerca de meia centena de jovens, contribuindo para o progresso da modalidade no país.

30 a 32 | “Quem vê futebol não sabe quais são as condições em que as pessoas trabalham”

Filó foi jogador do SC Espinho quando a equipa viveu os seus momentos áureos, tendo já passado no clube como treinador.

33 a 36 | Escolas de Dança fazem mexer Espinho

Modalidade em franca expansão, a dança atrai praticantes há várias décadas e continua com um lugar bem destacado no futuro desportivo da cidade.

EDITORIAL
Nuno Oliveira

Viagem pelos primeiros passos até à crise da meia idade

Ao longo de 50 anos de história, este pequeno cantinho à beira mar plantado passou por diversas fases de crescimento. Nasceu numa altura conturbada politicamente e começou a dar os primeiros passos em liberdade total. Criou instituições de cariz social e cultural de relevância e começou a amadurecer. Já rapazote, viu António Leitão como o primeiro embaixador internacional (na versão cidade), mas pouco depois teve de lidar com a perda de Lito Gomes de Almeida. Aos 20 anos de idade, vê em José Mota um segundo pai e deixa-se governar por 16 anos. São criadas infraestruturas desportivas de relevo como o Complexo de Ténis e a Nave. A nível de cultura, a biblioteca ganha também um novo espaço e nasce ainda o Museu e o Centro Multimeios.

Nessa altura, as duplas Silvia Saiote/Ana Simões (trampolins) e Miguel Maia/João Brenha voltam a colocar o nome de Espinho na ribalta mundial com medalhas e prestações de alto gabarito nos Jogos Olímpicos.

Já madura, e possivelmente a sentir a crise dos quase 40 anos, a cidade sente necessidade de mudar e avança com uma remodelação. A linha de comboio, um dos pontos de referência e identificativos de Espinho, é enterrada. A céu aberto fica uma enorme zona que, mais de 10 anos depois, parece ainda não saber muito bem para o que serve e como deve ser aproveitada.

Com 36 anos de vida, Espinho separa-se de José Mota e acolhe Pinto Moreira. Já em idade adulta, é tempo de olhar para o futuro e entra em marcha a remodelação das escolas com a criação de centros escolares. As principais vias da cidade, obsoletas e a precisarem de um corte de cabelo refrescante, vão ao barbeiro, mas o corte sai enviesado nalgumas zonas. Ganha alguma cor com as ciclovias, mas parece perder demasiada identidade.

Já na crise dos 40, nada como tentar viver os anos que já passaram, em especial pelos vizinhos concelhios. Nascem eventos capazes de quebrar a sazonalidade e a animação volta a encher as ruas da cidade fora dos meses de verão.

Já muito perto dos 50 anos de vida, Espinho entra novamente em mudanças e dá uma oportunidade a Miguel Reis. Mas a confiança sai traída e a já madura cidade entra numa fase de travessia no deserto. Todos nós chegamos a uma altura da vida e sabemos que é necessário parar para pensar e ajustar o caminho. Espinho parece estar nesta altura de introspeção e expiação dos pecados.

Espinho foi a cidade que me viu nascer e crescer. Não faz parte de um conto de fadas pois também tem coisas más, mas que este bairrismo ensinou-nos que só nós, os espinhenses, temos direito de o mencionar. Para os restantes esta será sempre a melhor cidade do mundo. E aí de quem disser o contrário!

A cidade viu nascer e partir muitos Homens bons. A alguns deu-lhes reconhecimento enquanto outros passaram sempre pelas sombras. Mas enquanto existir um jornal com a qualidade e independência da Defesa de Espinho, nenhum Homem, obra ou projeto será esquecido!

Parabéns meu Espinho, parabéns espinhenses!

Esta edição especial dedicada aos 50 anos é também motivo de orgulho para a Defesa de Espinho. Num registo diferenciador e original, ousamos criar um número inédito que, ambicionamos nós, faça jus à história da cidade.

César Henrique Moreira Baptista, hoje figura controversa por ter sido ministro durante o período do Estado Novo, foi figura de destaque na elevação de Espinho a cidade. O trabalho aqui apresentado traça um breve perfil do espinhense que acabou por rumar a Lisboa por questões profissionais e também pessoais.

O golfe é também um dos pontos de interesse nas pesquisas online sobre Espinho. Rumamos a Silvalde e fomos descobrir a recém-criada Academia no Oporto Golf Clube, capaz de formar novos campeões e munir as equipas principais para outros voos.

Na área da cultura, fomos dar um pezinho nas escolas de dança. Capazes de movimentar e exercitar centenas de crianças, jovens e também adultos a um ritmo diário, são espaços de formação por excelência e com muito ainda para oferecer.

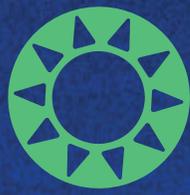
Passando pelo desporto, Filó, ou melhor, Filipe Rocha. O antigo jogador e treinador do SC Espinho, vai trilhando o seu percurso como técnico na ânsia de conquistar troféus.

A capa desta edição é da autoria de Marta Sousa. A ilustradora foi convidada pela Defesa de Espinho e brilhou com mais um trabalho. “Resumindo a minha proposta, temos uma embarcação em festa! Na frente, um violinista dá o ritmo às celebrações, numa alusão aos violinos Capela. Segue-se um surfista animado e uma vareira dançante, que representam a importante relação que a cidade tem com o mar. Por fim, temos um miúdo que representa as diversas associações e clubes desportivos e, no fundo, o futuro da cidade”. É desta forma que Marta Sousa explica o trabalho criativo que é a capa deste número criativo.

Nuno Oliveira



Marta Sousa ilustradora da capa desta edição



SOLVERDE.PT
SÃO MUITOS ANOS

APOSTA 10€

GANHA 30€

EM FREE BETS NO REGISTO

TERMOS E CONDIÇÕES APLICÁVEIS  JOGA POR DIVERSÃO, COM MODERAÇÃO.



César Moreira Baptista: um dos obreiros da elevação a cidade

Filho de Espinho, César Moreira Baptista exerceu, em Lisboa, alguns dos mais altos cargos políticos ainda em regime do Estado Novo. De advogado e professor passou a Secretário de Estado e, em 1973, ano em que a sua terra natal passou de vila a cidade, tornou-se Ministro do Interior. Apesar da distância física, Moreira Baptista nunca esqueceu a terra que o viu nascer. “Com orgulho” pertenceu ao governo que atribuiu tal distinção a Espinho, admitindo sempre querer estar presente “em tudo quanto represente o engrandecimento” de Espinho.

LISANDRA VALQUARESMA

“ONDAS DE JÚBILO, numa praia mar de esfusante satisfação e incontida alegria, espriaram-se de lés a lés desta nossa querida terra, quando, dia 12 de junho, ribombou a notícia, tão ansiada, de que o Governo da Nação havia concedido a cidadania à Vila de Espinho, praia rainha da Costa Verde”.

A notícia, publicada na edição de 16 de junho de 1973 da Defesa de Espinho, oficializava o rumor que circulava há vários dias na então vila. Espinho era cidade e, embora muitos não o esperassem, celebrava-se o feito com grande entusiasmo e até alguma surpresa, pois era, assim, a segunda cidade do distrito, logo a seguir a Aveiro, a receber tal distinção.

Um galardão que, para muitos cidadãos, poderá ter surgido por algum apoio e força externa. Há precisamente 50 anos, num governo liderado por Marcelo Caetano, as-

sumia a pasta da Informação e do Turismo o espinhense César Moreira Baptista.

Apesar de hoje ser um nome desconhecido por muitos, o então Secretário de Estado foi considerado como um dos obreiros da elevação de Espinho a cidade, acompanhando sempre de perto, todos os feitos conseguidos pela sua terra natal. Exemplo disso, foi criação da Comarca de Espinho, em abril desse ano.

Na Defesa de Espinho, jornal onde sempre “alinhou palavras que pretendiam ser de esperança no progresso de Espinho”, César Moreira Baptista partilhou, mais uma vez, a sua alegria pelo avanço que se efetuava. “Quando soube que finalmente teremos a nossa comarca, por cuja criação escrevi na Defesa de Espinho os meus primeiros artigos, senti o júbilo que sei ser o de todos os meus conterrâneos nesta hora. Agradeço-lhes terem-se lembrado do vosso amigo que deseja estar sempre convosco em tudo

quanto represente o engrandecimento da nossa terra”, afirmava o Secretário de Estado da Informação e do Turismo, que deixou a sua profissão como advogado e professor universitário para assumir funções públicas numa época ainda de regime do Estado Novo.

Apesar de ter vivido a maior parte da vida adulta em Lisboa, cidade para onde se mudou com o objetivo de fazer a licenciatura em Direito e onde viveu até à sua morte, em 1982, César Moreira Baptista nunca perdeu a ligação umbilical à cidade berço, nem a vontade de ajudar os conterrâneos naquilo que conseguia.

“Espinho e a Associação Académica têm uma dívida de gratidão para com Moreira Baptista”

Puxando a máquina do tempo atrás, corria o ano de 1963 quando a Associação Académica de Espinho (AAE)

lutava por encontrar um local e alguns fundos para a construção de um pavilhão. Depois da desativação do antigo ringue de patinagem da esplanada, devido a obras de remodelação efetuadas pela Câmara Municipal, os atletas ficaram sem local para treinar, o que “colocou em causa a secção de hóquei em patins e a própria sobrevivência do clube”, recorda José Pinto Correia, praticante de voleibol e dirigente da Associação Académica de Espinho na época.

Encontrado o terreno, era necessário proceder à obra de construção. “Inicialmente, o projeto contemplava apenas um ringue de patinagem, para o qual a Direção Geral dos Desportos atribuiu um subsídio de cerca de 30 mil escudos”, começa por contar. No entanto, “chegou-se à conclusão que a solução de construção de apenas um ringue não resolveria, nem no presente nem muito menos no futuro, as necessidades e aspirações do clube”.

Por isso, para proceder às alterações previstas, a AAE apresentou novo projeto à Direção Geral dos Desportos e “pediu um aumento da participação”. Segundo Pinto Correia, “a nova solução, incompreensivelmente, não foi bem aceite”, chegando a Direção Geral dos Desporto a retirar o subsídio já atribuído. Mas a decisão acabou por sofrer uma reviravolta e só com a ajuda do espinhense César Moreira Baptista foi possível avançar com o projeto.

“Inconformada com esta posição, a direção da AAE não baixou os braços”, refere Pinto Correia, explicando que foi graças à intervenção do então Secretário de Estado que o clube conseguiu ter o um pavilhão. “Decidimos ir a Lisboa falar com ele, de forma a pedir ajuda. Ele recebeu-nos, ouviu-nos e ficou muito sensibilizado, pois disse-nos que, até àquela altura, ninguém de Espinho tinha ido lá pedir fosse o que fosse”, revela o antigo dirigente da AAE.

JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO COMEMORATIVO DA ELEVAÇÃO A CIDADE

Num ambiente de verdadeiro e alegre baurrismo, decorreu o jantar dos espinhenses e amigos simpatizantes de Espinho, no Hotel PraiaGolfe na passada segunda-feira.

Além do ilustre espinhense e homem público, estavam também presentes, os

Mário Leal, Dr. Jaime Afreixo, autoridades do concelho e espinhenses de todas as categorias sociais.

Aos brindes falou em primeiro lugar o Dr. Nunes dos Santos que depois de saudar os presentes e referir num breve improviso a história de Espinho proce-

mais se distinguiram no ano lectivo que findou, e a quem foram entregues diplomas e prémios literários pelo Secretário de Estado da Informação e Turismo.

Falou a seguir o Presidente da Câmara Municipal de Viseu, que no final



Fotogravura gentilmente cedida pelo «O Comércio do Porto»

Apesar de nunca ter privado de perto com Moreira Baptista, mesmo na época em que assumia o departamento de obras da Câmara Municipal de Espinho, o também engenheiro Pinto Correia assume que se notava o interesse em ajudar a terra. "Na reunião que tivemos com ele, disse-nos que nunca tinha usado a sua influência para nada em Espinho, mas isto foi antes da elevação a cidade porque a verdade é que há quem acredite que ele terá, de alguma forma, contribuído para a passagem de vila a cidade", diz Pinto Correia, esclarecendo que foi apenas um pequeno gesto do político espinhense que alterou o rumo da AAE.

"A única coisa que fez foi escrever um cartão ao então diretor geral dos Desportos, pedindo-lhe que recebesse os seus conterrâneos. O César Moreira Baptista queria ajudar Espinho, mas esta é apenas a minha opinião. Acho que ele sentia que, se calhar, tinha sido um bocado esquecido. Por isso, gostou que nós nos tivéssemos lembrado dele. Só passou um cartão e foi o suficiente", conta Pinto Correia, recordando que graças à sua intervenção, "conseguiu-se nova audiência e, depois de ouvir os argumentos que lhe foram apresentados, o diretor geral aprovou a solução proposta, tendo ainda aumentado o subsídio para a construção do pavilhão", conclui, acreditando que "Espinho e a Associação Académica têm uma dívida de gratidão para com o César Moreira Baptista".

A visita do "primeiro espinhense a sentar-se na cadeira do governo"

Maior de 1969 foi um mês importante para Espinho, pois com pompa e circunstância, César Moreira Baptista deslocava-se à ainda vila para uma visita especial. A chegada estava marcada para dia 17, mas os preparativos para a recepção começaram muito antes. Baião Nunes

Banquete de comemoração decorreu a 2 de julho de 1973 no hotel PraiaGolfe, onde esteve presente César Moreira Baptista

dos Santos, presidente da Câmara Municipal na época, "convocou os representantes das forças vivas e da imprensa para uma reunião, a fim de se trocaram impressões sobre as homenagens a prestar ao prestigioso membro do governo", refere a Defesa de Espinho, na edição de 3 de maio de 1969.

Alguns dias depois, na edição de 10 de maio, em grande manchete na primeira página, a Defesa de Espinho anunciava a sua vinda, explicando que pelo ambiente que já se notava "entre a população da vila e das freguesias do concelho, é de crer que o ilustre visitante seja recebido, não só com as honras de praxe, mas com todo o entusiasmo próprio de quem recebe a visita de um filho querido". De facto, o entusiasmo era grande e, no tão esperado dia 17, a visita "deu lugar a uma brilhante festa em sua honra, a qual terminou com um banquete no Salão Nobre do Casino Espinho".

Na viagem até ao Norte do país, estava contemplada também uma passagem por outras terras do distrito. Depois de cumprida essa missão, chegava à cidade "pouco depois do meio dia", como relata a Defesa de Espinho, aquando da reportagem realizada na edição de 24 de maio. A primeira paragem foi no Aero Clube da Costa Verde, onde César Moreira Baptista teve a oportunidade de conhecer de perto "planos e projetos para o futuro", interessando-se sobretudo pelo projeto que previa a "construção de uma estrada marginal entre aquele campo e Espinho, estrada que circundaria o campo pelo lado do mar" permitindo um melhor acesso às praias.

"Depois de garantir que se debruçaria sobre aqueles assuntos", Moreira Baptista dirigiu-se para o Oporto Golfe Club, visitando ainda as instalações da fábrica Corfi e a piscina. No final do dia, depois de percorridos vários locais e serviços

espinhenses, César Moreira Baptista reservou parte do seu tempo para visita a familiares, mas às 19 horas, já a população o esperava em frente ao edifício da Câmara Municipal.

"No ar começaram a estrelar morteiros e dois aviões do Aero Clube da Costa Verde faziam evoluções sobre o local, lançando papeis multicores", "os pescadores locais estenderam as suas redes, como se uma passadeira se tratasse e ornamentaram a entrada do edifício com apetrechos das suas tarefas do mar". Neste cenário eufórico e de entusiasmo, os espinhenses esperaram a chegada do carro que, naquele dia, trazia "o primeiro espinhense a sentar-se na cadeira do governo".

Foi na sessão solene, em sua honra, que Moreira Baptista teve a oportunidade de agradecer à cidade que o viu nascer. "Num improviso, em que muitas palavras deixavam transparecer grande emoção, co-

Medalha de ouro para Moreira Baptista

Um mês depois da elevação, a Câmara Municipal realizou um jantar comemorativo com vários espinhenses, onde se incluía o Secretário de Estado. Na ocasião, Baião Nunes dos Santos, presidente da Câmara, entregou uma medalha de ouro a César Moreira Baptista.

Em declarações proferidas nessa noite, o Secretário de Estado afirmava "a alegria que sentia em estar presente como espinhense, junto de todos os presentes, a viver as horas grandes" que Espinho festejava. "Teceu várias considerações alusivas à terra que o viu nascer e aos homens que a valorizaram e tornou público, debaixo de contínuos aplausos", que seriam "aceleradas as obras de alindamento, por instância suas junto do ministro Rui Sanches, nos terrenos e vedações da CP dentro da cidade". Segundo ele, "o infecto barracão fronteiriço ao novo hotel" seria também "rapidamente demolido e as vedações existentes substituídas por outras modernas e mais consentâneas com a cidade e instancia turística importante que é Espinho".

meçou por dizer ter pensado escrever um discurso para fugir um pouco às dificuldades que supunha ir encontrar, já que adivinhava ficar emocionado", lê-se na reportagem realizada pela Defesa de Espinho. No entanto, o mais importante para si era "verificar que Espinho era uma comunidade humana que tem fé e certeza no seu destino e no seu

VALIGIA



Cavalinho

Rua 19 N° 188
4500-255 Espinho
Tel: 227310806

 valigia espinho

 valigiaespinho

 www.valigia.pt



GRACE VERMELHO



UNIQUE MULTI AZUL



Grace Bege



BIO

CÉSAR HENRIQUE MOREIRA BAPTISTA

nasceu em Espinho a 14 de março de 1915. — Filho de António Ferreira Baptista e de Júlia Moreira Baptista, licenciou-se em

Direito, foi advogado e professor de Economia no Instituto Comercial de Lisboa. — Entre 1953 e 1957 foi presidente da Câmara Municipal de Sintra. — Foi deputado da Assembleia Nacional durante a legislatura

que decorreu entre 1957 e 1961, Secretário de Estado da Informação e do Turismo e nomeado como Ministro do Interior a 7 de novembro de 1973, cargo que desempenhava aquando da revolução de 25 de abril e, por isso, esteve preso

durante 22 meses. — Morreu em casa aos 67 anos devido a um problema cardíaco. O funeral foi no cemitério de Cascais.

Informação recolhida na Defesa de Espinho e no arquivo de Francisco Azevedo Brandão. O escritor e historiador espinhense, vai lançar, em data ainda a decidir, um Dicionário Biográfico de personalidades Espinhenses. César Moreira Baptista é uma das figuras visadas

futuro” e, por esse motivo, “levava o coração em festa”.

À noite, no salão nobre do Casino Espinho, a Câmara Municipal homenageou, com um banquete, que reuniu mais de 500 pessoas, o então Secretário de Estado da Informação e do Turismo. Da ementa, destacava-se o bacalhau à belo horizonte com batata à lionesa e a vitela de Lafões à fricandó. No entanto, a poesia teve também um papel preponderante, figurando nos destacáveis especialmente pensados para colocar nas mesas do jantar. Pinto Correia foi uma das figuras presentes no jantar e é graças a ele e ao seu arquivo que agora, mais de 50 anos depois, é possível recordar o poema que Alberto Barbosa, mais conhecido por Beka, escreveu para o dia tão especial:

“Excelência!

*Perdoe esta displicência:
Transpondo o arame farpado
Do que manda a hierarquia,
Falaremos lado a lado,
Apenas com simpatia
Como que em convívio antigo,
Como de irmão para irmão,
Em simples cantar de amigo
Que nos sai do coração:*

*Bemvindo! Seja bemvindo
Ao torrão natal, tão lindo,
Que em festa está, jubiloso
D'alma firme no que crê,
Este Espinho – pai ditoso
Que em seu filho se revê!
Filho ilustre, hoje chegado,
Venha as vezes que vier,
Que é bemvindo e sempre honrado
Na terra que o viu nascer!*

*Tudo o que dispõe o código
Da boa hospitalidade
Faça Espinho ao filho pródigo...
E bem pródigo, em verdade,
Será no que grangear
Em prol da comunidade,
Para que o pai possa usar
O seu brasão ... de Cidade!*

Elevação a cidade foi “justiça evidente” para Moreira Baptista

Além do ano de 1973 ser logicamente especial na vida de Espinho, teve também um significado particular para César Moreira Baptista que, em novembro desse ano, foi empossado Ministro do Interior, mas foi ainda como Secretário de Estado que o “ilustre espinhense” aplaudiu, juntamente com os seus conterrâneos, a elevação de Espinho a cidade.

Na Defesa de Espinho, a 23 de junho de 1973, César Moreira Baptista escrevia, com orgulho, sobre a promoção administrativa daquela que era também a sua terra. “Houve progresso porque os meus concidadãos o fizeram com determinação, imaginando bem e trabalhando

sem desânimo. A justiça que foi pedida era evidente e as decisões adequadas foram tomadas em correspondência com os direitos morais que soubemos construir”, declarava poucos dias depois da oficialização da conquista.

“Compreender-se-á que sinto orgulho por pertencer ao governo que concedeu o foro de cidade à que foi a vila de Espinho onde nasci”, dizia o espinhense, acreditando que tal se devia ao “reconhecimento público do desenvolvimento social e económico desta terra”.

Trilhando uma perspetiva para aquele que seria o futuro, acreditava que Espinho ia tendo “possibilidades crescentes para progredir e tornar mais felizes os seus habitantes”, já que se tinha assistido à “concretização de muitos sonhos”. No entanto, não deixou de pensar em quem lutou no passado. “Não nos ficará mal que tenhamos um pensamento de gratidão para todos quantos, ao longo de gerações, souberam, sem desânimos, lançar as pedras para a construção da nossa cidade que há de ser cada vez mais bonita, mais próspera, mais grandiosa e que, com toda a veemência desejamos, também, cada vez mais unida e solidária”.

No relatório da gerência do ano de 1973, da Câmara Municipal de Espinho, o então presidente Baião Nunes dos Santos descrevia que se “viveram horas de intenso júbilo no dia em que tal facto foi conhecido através da Radiotelevisão Portuguesa e toda a população, forças vivas do concelho, coletividades, associações humanitárias, num movimento de irreprimível alegria, se



Compreender-se-á que sinto orgulho por pertencer ao governo que concedeu o foro de cidade à que foi a vila de Espinho onde nasci”

César Moreira Baptista

concentraram no largo fronteiroço à Câmara Municipal, em plena comunhão com a Câmara, tendo no ato sido enviados vários telegramas”, um deles para César Moreira Baptista, demonstrando agradecimento pelo apoio que sempre prestou.

Em resposta, o então Secretário de Estado da Informação e do Turismo mostrava-se “emocionado e sensibilizado”. “Agradeço associarem-me à decisão que elevou a nossa terra à categoria de cidade em justa verificação do seu progresso espiritual e material como comunidade viva e moralmente unida. Na impossibilidade de imediatamente agradecer a todos quantos me têm enviado saudações, peço-lhe que na primeira oportunidade que tiver diga publicamente quanto me cativaram as mensagens que recebi de tantos amigos e conterrâneos”,



César Moreira Baptista, Vale Guimarães (governador do distrito de Aveiro), Manuel Violas (vice-presidente da CM Espinho) e Baião Nunes dos Santos (presidente da CME) numa iniciativa em Espinho

confessava.

Na primeira reunião de câmara, depois da elevação a cidade, datada de 20 de junho, era proposto o reconhecimento de diversas personalidades, onde se incluía o Secretário de Estado espinhense. Em resposta, através de um ofício enviado para Espinho, Moreira Baptista demonstrava a emoção que sentia perante aquilo que considerava gentileza. “A emoção que transparece na redação desse documento sinto-a eu também como espinhense que se associa vivamente ao momento tão significativo. Creio, porém, que vamos tendo todos, agora, a convicção do acréscimo de responsabilidades que assumimos no sentido de impulsionar ainda mais o progresso espiritual, económico e social da nossa cidade. Tudo quanto

estiver ao alcance das minhas possibilidades estará sempre ao serviço de tão nobre missão”, garantiu.

A transformação da vila em cidade, um feito encarado com orgulho por quase todos os cidadãos, era aguardada com especial expectativa por Baião Nunes dos Santos. Em entrevista ao Comércio do Porto, o presidente da Câmara Municipal dizia que “a elevação de Espinho a cidade não é mais do que um galardão que esta terra obteve em função da sua importância”.

Na verdade, segundo o autarca da época, os “passos necessários a todo o processo vinham sendo dados desde 1969”, sendo, por isso, a assinatura de um decreto o pormenor que faltava.

Para a formalização da categoria jurídico-administrativa, foram ampliados os limites da vila, pois, segundo Baião Nunes dos Santos, “a atividade da vila já se estendia para além dos acanhados limites iniciais e havia que fazer o necessário ajustamento à realidade, tornando a área da vila condicente com o respetivo plano de urbanização”.

A 18 de novembro de 1971 foi pedida ao Ministério do Interior a nova delimitação e, um ano depois, era publicado o decreto que estabelecia o desejado alargamento. A 24 de setembro de 1971 a Câmara Municipal pedia, então, a elevação a cidade, depois de uma ideia sugerida por Vale Guimarães, governador Civil de Aveiro.

Para o presidente da Câmara Municipal de Espinho, tratava-se de um “justo reconhecimento da obra dos espinhenses que, em cerca de oitenta anos, transformaram um lugar de pesca, com meia dúzia de barracos, da freguesia de Anta, numa terra que é o que se vê”.

Recorde-se que Manuel Ferreira Baião Nunes dos Santos assumia, nesse ano, a presidência da Câmara Municipal, tendo sido a vice-presidência liderada por Manuel de Oliveira Violas. ●



ESPINHO

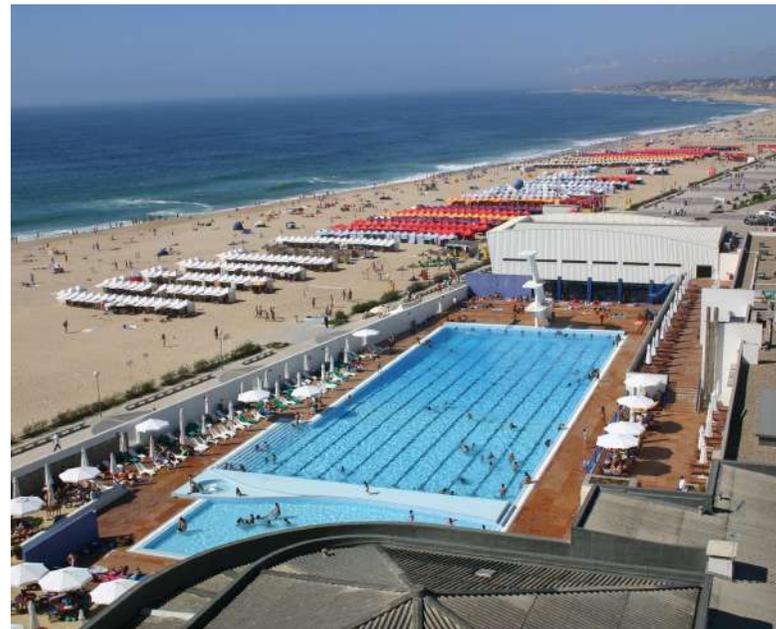
CONDOMÍNIO PRIVADO

VIVER NESTE EMPREENDIMENTO, À BEIRA DA PRAIA E NA CIDADE,
É TUDO O QUE A SUA FAMÍLIA SEMPRE SONHOU.



BUILDING THE FUTURE

WWW.SALGUEIROPROPERTIES.PT



Oito décadas de estórias na história de Espinho

A Piscina Solário Atlântico completa 80 anos, no próximo dia 10 de julho. Uma obra que foi e continua a ser uma marca da cidade. A água salgada, junto da praia, são algumas das principais características. Um equipamento que sofreu várias alterações ao longo da sua vida, sendo a de 1999 a mais significativa. Para a história ficam os mergulhos, os momentos de lazer e diversão dos espinhenses (e não só) durante quase um século de vida.

MANUEL PROENÇA

"UM BELO SONHO convertido em realidade", refere a edição da Defesa de Espinho de 11 de julho de 1943. A Piscina Solário Atlântico estava concluída e seria inaugurada a 10 de julho de 1943. Uma obra emblemática, icónica e que se manteve ao longo das décadas como uma verdadeira referência da vila e, posteriormente, da cidade de Espinho.

A construção de uma piscina à beira-mar era uma ambição anterior a 1938, mas os primeiros passos foram dados nesse ano. O primeiro registo do movimento em prol da obra foi feito a 16 de março de 1938, dando entrada na Câmara Municipal de Espinho um requerimento apresentado pelos irmãos Agostinho e Alberto Calheiros Lobo e por José de Almeida Francez.

Dois anos depois, a 13 de novembro 1940, o então presidente da Câmara, Augusto Braga de Castro Soares, abriu concurso para a construção de uma piscina-solário. Uma proposta para construção e exploração, por 20 anos, da autoria da Empresa de Melhoramentos de Espinho.

O projeto da piscina foi da autoria dos arquitetos Eduardo Martins e Manuel Passos e o primeiro orçamento para a construção foi de

971.587,37 escudos (484.625,74 euros). No entanto, o projeto sofreu uma alteração para uma ampliação de mais 30 metros e a empreitada foi adjudicada ao construtor espinhense António Catarino da Fonseca por 2.000 contos.

O projeto da autoria dos arquitetos portugueses Eduardo da Silva Martins e Manuel Passos visava "dotar a primeira das praias do Norte do país com um estabelecimento balneário de tamanho vulto". Uma obra que os arquitetos consideravam que "Espinho há muito necessitava".

Na proposta submetida a concurso, os arquitetos referem-se à obra com "duas partes distintas, mas formando um todo único". Uma dessas partes estava "reservada aos banhistas, aos que se utilizam da piscina propriamente dita e do solário" e a outra "a todo o público frequentador, com passeios, areal, bancadas, bar, esplanadas e respetivos anexos".

Na entrada da piscina, voltada a sul, procurou dar-se "uma certa imponência com portões de ferro e sua torre com cerca de quinze metros de altura", abrindo-se para "um vestíbulo amplo, desafogado, que tem a um lado as dependências dos serviços de administração e gerência

e do outro conduz a uma série de salas apetrechadas para banhos de imersão duches, massagens etc".

A sudoeste ficava o bar-dancing, "com acesso quer pelo interior quer pelo exterior, podendo funcionar independente do restante estabelecimento".

No extremo poente da esplanada, poderia desfrutar-se de "uma soberba vista sobre a costa marítima e sobre o interior".

A piscina estava equipada com "gabinetes, vestiários para banhistas, dispostos em dois andares, cada um destinado ao seu sexo". Os corredores que serviam esses gabinetes quer o do primeiro, quer o do segundo piso, desembocavam junto dos chuveiros. Estas instalações sanitárias e um pequeno ginásio, formavam a parte norte da construção e "foram aí colocadas para abrigar quanto possível o solário as bancadas, a piscina propriamente dita e o areal circundante dos ventos predominantes em Espinho na época do verão".

Na fachada poente havia um "muro de vedação enriquecido com motivos arquitetónicos adequados, com a altura suficiente para impedir o acesso clandestino, sem dificultar aos frequentadores do estabelecimento a vista sobre o mar".

A Piscina propriamente dita era formada por "um tanque grande, com 50 metros por 18 (tendo no topo sul, e no sentido do poente, um alargamento que atinge cerca de 7 x 15 metros), e um outro mais pequeno com 6 x 18 metros".

A cuba maior da piscina estava dividida em duas partes: "uma para nadadores experientes, com o fundo em rampa que vai de quatro metros (no topo norte) até 1,30 metros; outra para quem não saiba ou não queira nadar com a profundidade constante de 1,25 metros. No alargamento do topo sul sobe em rampa até 0,50 metros, permitindo uma entrada suave na água".

O tanque pequeno era destinado exclusivamente a crianças que pela sua idade apenas quisessem divertir-se e mergulhar na água, podendo "fazê-lo sem perigo", com a profundidade constante de 0,60 metros.

Em redor de todo o conjunto dos tanques corria uma fita de água, "larga bastante para que todos os banhistas idos do areal ou mesmo diretamente dos vestiários aí tenham de molhar os pés, expurgando-os da areia e das impurezas que iriam conspurcar as piscinas".

Situadas longitudinalmente a nascente do tanque grande ficavam devidamente isoladas, as bancadas para o público expectador. Acima destas, à altura do piso superior da ala nascente estava o solário, "com chão de areia fina, resguardado pelos ventos dominantes pelas construções da ala norte, só destinado a quem tenha já passado pelas piscinas ou pelos vestiários".

Do solário avistava-se "toda a extensão dos tanques, o areal do lado oposto, e para além do muro da vedação a praia e o mar". No areal (a poente) ficava "a torre da vigia, simulando um mastro do navio que a arquitetura do muro de vedação estiliza".

A torre de saltos, no projeto inicial, previa apenas duas plataformas e "foi colocada no topo do tanque grande onde a profundidade é máxima, abrigada pelas construções da ala norte. Tem duas plataformas respetivamente a três e a seis metros de altura, e é ladeada por duas outras pranchas inde-

pendentes, erguidas a 0,50 metros acima do nível da água".

Junto ao ângulo sudoeste das edificações ficava a captação de águas e o esvaziamento, "correndo as tubagens ao longo do esporão n.º 2 da praia". Os arquitetos previam que "os tanques poderiam esgotar-se em duas horas e meia" e calculavam "o dobro do tempo para o seu enchimento".

Conjuntamente com o projeto da piscina foi apresentado o arranjo do terreno destinado aos campos de ténis e ao terreno de golf miniatura que acabaram por não ser construídos.

Obra nasceu em apenas um ano

Em apenas um ano nasceu a obra emblemática com uma área total de 6200 metros quadrados, com um tanque de 50 metros de comprimento por 22 de largura e uma profundidade que ia de 1,20 metros, a sul, até aos cinco metros, a norte. Havia um outro tanque destinado às crianças com 20 metros de comprimento por 10 metros de largura, localizado a norte do tanque principal, com uma profundidade de 0,80 centímetros.

A piscina tinha uma prancha de saltos com 10 metros de altura, com três níveis (três tabuleiros) a três, seis e 10 metros de distância da água numa zona com a profundidade de cinco metros. A infraestrutura contemplava também balneários, banhos de imersão, cabinas individuais e coletivas, solários e ginásio. A complementar, havia um bar e um restaurante. Junto às pranchas de saltos, lateralmente, foram instalados dois trampolins, 'tabogans' (escorregas) e colchões flutuantes.

O novo equipamento, do qual Espinho se orgulhava, tinha vários espaços para os veraneantes se estenderem ao sol, os chamados solários, um dos quais com a capacidade para 600 pessoas.

A toda a volta da piscina havia espaços com areia e um lava-pés. No entanto, mais tarde a areia acabou por ser retirada por questões de limpeza.

A particularidade da Piscina Solário Atlântico era ter dois tanques com água salgada, recolhida no mar de Espinho, através de seis poços de

ABERTURA DO CONCURSO

13 NOV, 1940

INAUGURAÇÃO

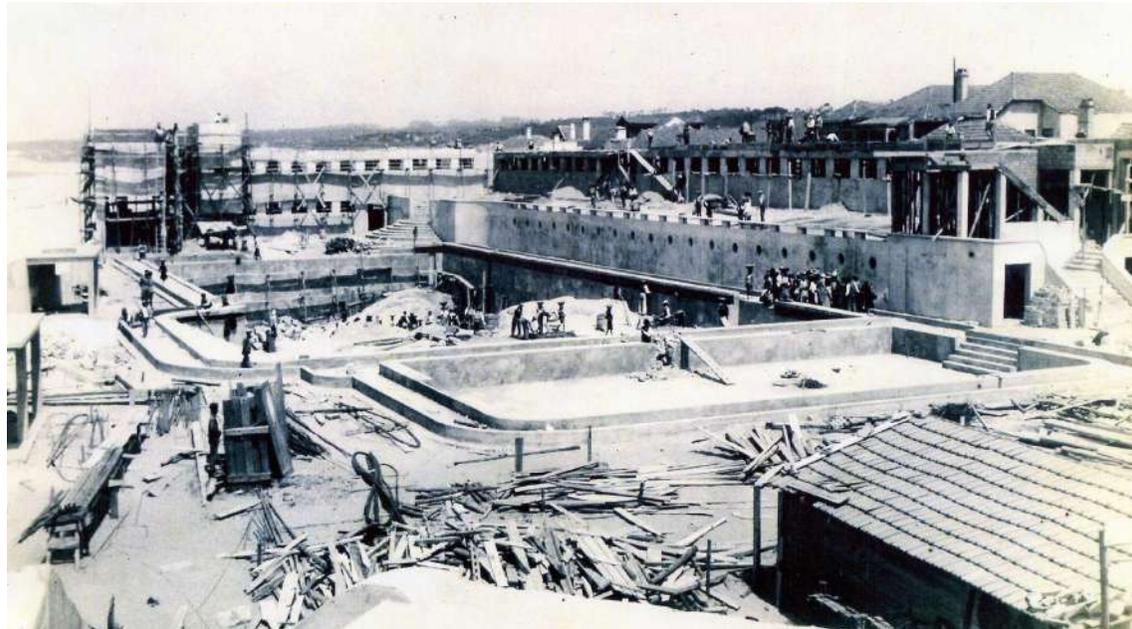
10 NOV, 1943

ORÇAMENTO

971,587,37
escudos (484.625,74 euros)

ÁREA TOTAL

6200 metros

**50 METROS** de comprimentos por 22 de largura. Tanque principal**1,20 METROS** profundidade mínima**5 METROS** profundidade máxima**10 METROS** plataforma mais alta da prancha de saltos**3 MILHÕES** de litros de água salgada**1995**

Lançamento da obra de remodelação

1998

Início da obra de remodelação

1999

Conclusão da obra

água, a poente.

A piscina passou a ser um dos grandes atrativos da região durante a época banhar e um dos espaços utilizados para festas da sociedade espinhense de então, no salão nobre, com os famosos bailes e realizações de angariação de fundos para as principais coletividades.

As pranchas de saltos eram marcas emblemáticas da piscina e um polo de atração para os milhares de cidadãos que passeavam na esplanada, sobretudo ao fim de semana. Há relatos de saltos extraordinários que faziam parar multidões.

Quem construiu o equipamento naquele local nunca terá imaginado, certamente, os problemas que iria ter daí em diante com as intempéries marítimas que fustigavam, todos os anos, a costa espinhense. Até ao início dos anos 80 do século XX, a piscina era constantemente abalada pela fortíssima ondulação do mar que galgava a esplanada e destruíu o muro a poente.

A obra, que durante muitos anos foi o maior símbolo do município de Espinho, foi alvo de uma remodelação a partir de 1995. As ideias iniciais apontavam para uma modificação que transformava o equipamento numa espécie de parque aquático, algo que começava a entrar na moda em alguns países da Europa. A ideia acabou por esmorecer dando lugar ao projeto que veio a ser implantado.

A obra de reconversão/remodelação da Piscina Solário Atlântico beneficiou, também, o Balneário Marinho.

Remodelação lançada em 1995 altera a traça inicial

A Piscina Solário Atlântico sofreu uma grande alteração a partir de finais de 1995 com José Mota a presidente de Câmara. O concurso público foi lançado e o projeto elaborado pela empresa Isabel Aires e José Cid Arquitetos Lda em 1996. O custo da obra foi de 4,4 milhões de euros, sendo executada pela empresa Teixeira Duarte SA entre 1998 e 1999 (14 meses), envolvendo uma área total de 4.820 metros qua-



Foi um trabalho importante e que nos permitiu sedimentar a nossa experiência na remodelação de edifícios, nomeadamente de piscinas. Foi um projeto bastante comentado e objeto de diversos estudos posteriores

JOSÉ CID, ARQUITETO



drados e foi inaugurada em finais de março de 1999.

"O maior desafio que se colocava, além da reabilitação dos edifícios e renovação integral de todas as instalações especiais, era conseguir unificar a leitura do conjunto preservando e valorizando a qualidade arquitetónica da construção original modernista, nomeadamente da sua entrada principal e balneários, do bar e do salão de festas", destaca o arquiteto projetista, José Cid, um dos autores do projeto de renovação da piscina.

A remodelação projetada teve por objetivo principal, "conseguir a integração e valorização arquitetónica do conjunto formado pelos edifícios mais antigos e mais recentes, recuperando os primeiros e remodelando integralmente os segundos, com a adoção de soluções de acabamento mais duráveis e de uma

linguagem arquitetónica compatível com o restante conjunto, que importava realçar sem tentar mimetizar, assumindo com descrição a contemporaneidade da intervenção projetada", sublinha o projetista.

José Cid evidencia que "em simultâneo, era indispensável assegurar padrões atualizados de segurança, qualidade e conforto de funcionamento tanto das piscinas (exteriores e interior), como das instalações de talassoterapia".

O projeto procurava incluir, complementarmente, "novas valências (ludoteca, cabeleireiro e health-club) que completassem a oferta dos renovados bar e salão de festas, além de oferecer novos motivos de interesse (loja, gelataria, quiosques,

posto de turismo, etc.) aos utilizadores do passeio marítimo, o qual estava também a ser reabilitado nessa altura", recorda.

A remodelação da piscina levou à redução da profundidade do tanque principal, que tinha cinco metros, anulando-se a utilização das pranchas de saltos.

De acordo com o autor do projeto, "decorreu dos critérios atuais de segurança estabelecidos para o funcionamento de piscinas públicas, os quais impõem que a existir torre de saltos de grande altura, esta teria de dispor de tanque próprio e separado. Além disso, tratando-se de uma piscina de água salgada, a sua transparência é condicionada pela existência de microalgas o que, por

vezes, condicionava a indispensável visibilidade do fundo do tanque na sua zona mais profunda", explica José Cid.

Contudo, como a torre de saltos se tratava de "um objeto particularmente elegante e um importante elemento no imaginário de muitos espinhenses", a equipa projetista optou por mantê-la, "desafetando-a da sua função original".

José Cid refere, ainda que "o alto muro envolvente das piscinas exteriores – que as separa da praia – foi um outro elemento original que se decidiu preservar, por ter sido assinalada a sua utilidade como proteção contra o vento que costuma soprar em muitos dos dias de verão".

Reutilizada a captação de água e

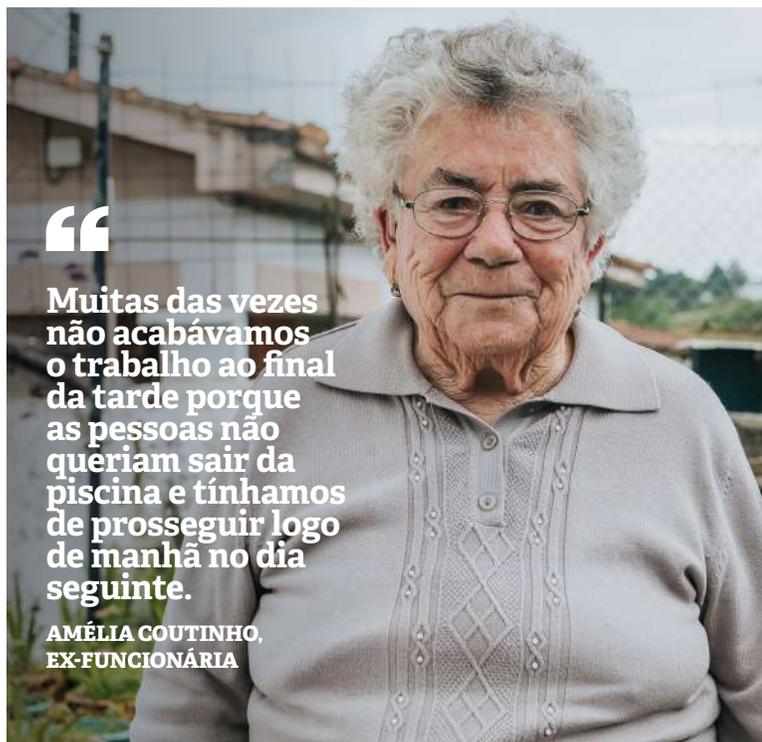
ourivesaria
1890

Confiança

130
Anos

FAZEMOS PARTE DA HISTÓRIA DE ESPINHO

Rua 19 / Tlf. 227 340 369 / geral@confianca1890.pt



“

Muitas das vezes não acabávamos o trabalho ao final da tarde porque as pessoas não queriam sair da piscina e tínhamos de prosseguir logo de manhã no dia seguinte.

AMÉLIA COUTINHO,
EX-FUNCIONÁRIA



reconstrução do tanque

Um dos elementos mais atrativos foi, desde sempre, a qualidade da água salgada, retirada do mar através de poços que se encontram localizados a poente.

"Apenas foi reutilizada a captação de água do mar", diz o arquiteto José Cid, acrescentando que "todos os restantes equipamentos de tratamento de água das piscinas foram integralmente novos e permitiram racionalizar e tornar mais segura a utilização da água do mar, já que o antigo complexo não dispunha de qualquer sistema de tratamento de água, sendo a mesma integralmente substituída todas as semanas".

A remodelação da piscina foi um projeto complexo, por natureza, mas as dificuldades, segundo José Cid "não foram muito diferentes de qualquer outro projeto de remodelação, já que é sempre necessário procurar adaptar o melhor possível a pré-existência às novas funcionalidades pretendidas, preservando a essência e a natureza da construção original, mas requalificando-a de modo a conferir-lhe os indispensáveis requisitos atualizados de segurança (nomeadamente antissísmica) e de funcionalidade".

A maior dificuldade que surgiu durante a obra "foi a descoberta de que os tanques das piscinas exteriores tinham sido construídos com alvenaria de granito aparelhada – e não em betão como se pensava – o que explicou as grandes perdas de água que ocorriam e obrigou a proceder à reconstrução integral, agora com betão armado".

Ao fim de mais de duas décadas, José Cid não esconde o contentamento e satisfação pela obra que projetou. "Foi um trabalho importante e que nos permitiu sedimentar a nossa experiência na remodelação de edifícios, nomeadamente de piscinas. Foi um projeto bastante comentado e objeto de diversos estudos posteriores", afirma.

"Esta piscina fazia parte de um conjunto importante de complexos de piscinas públicas construídas

nos centros balneares mais em voga nos anos 30 e 40, muitas vezes associados à existência de casinos, como os da Figueira da Foz e do Tamariz-Estoril, dos quais, atualmente, apenas subsiste em funcionamento a Piscina Solário Atlântico de Espinho", termina José Cid.

Pessoas com história na icónica piscina

A história deste equipamento municipal de referência na cidade pode também ser contada pelas pessoas que acompanharam a evolução da piscina.

Álvaro Meireles, figura reconhecida do futebol espinhense, foi o responsável pela Piscina Solário Atlântico e pelo Balneário Marinho desde 1975 até 2010, altura em que se reformou.

Agora com 76 anos de idade, recorda-se ter ido "substituir o Sebastião Prata no cargo que, depois do 25 de Abril, não podia ter dois empregos e teve de optar pelo Casino", conta Álvaro Meireles.

Passou a ter de gerir uma equipa de 30 funcionários e recorda os

horários complicados a que estavam sujeitos. "Havia um fogueiro porque ainda existia uma caldeira a lenha para os banhos quentes na entrada da piscina, onde existiam seis banheiras que tinham ido para lá vindas do antigo balneário que existia na rua 4. Eram banhos quentes de água salgada. O funcionário era o senhor Adriano que entrava às quatro horas da madrugada e saía cerca das 13 horas", recorda.

"Os banhos tinham uma procura enorme, sobretudo por parte de pessoas idosas que tinham problemas nos ossos. Na altura, as pessoas pagavam o bilhete, mas não precisavam de ir ao médico para frequentarem os banhos. Iam pela ordem de chegada e não existiam marcações", lembra o antigo responsável, acrescentando que só a partir de 1984, altura em que foi construído o novo Balneário Marinho, tudo mudou.

"Desde que me lembro, a piscina, era muito frequentada. Abria no dia 16 de junho e havia dias em que tinha de fechar as portas, sobretudo ao fim de semana. Só entravam mais pessoas à medida que iam saindo outras. Mesmo assim, a fila era

enorme", diz o antigo responsável.

Espinhenses não iam para a piscina ao domingo

Álvaro Meireles recorda-se que "os espinhenses, por norma, não iam para a piscina ao domingo e frequentavam-na ao longo da semana porque era muito mais tranquila. Ao fim de semana, com a chegada do comboio à estação, era uma confusão porque as pessoas vinham, na maioria, da zona do Porto", relata.

Na altura em que foi trabalhar como responsável, "a piscina estava rodeada de areia e até havia um espaço com baloiços. Entre os dois tanques existiam seis taças enormes por onde saía a água salgada que os enchia. Chegou a ter um escorrega, mas já não era do meu tempo", conta.

Álvaro Meireles diz que havia, ainda, seis pistas, com os respetivos blocos de partida, caso fossem realizadas provas de natação. "Acabei por propor à Câmara que retirasse os blocos porque havia alguns acidentes", lembra.

Mais tarde, Álvaro Meireles

propôs que fosse retirada a areia, sendo substituída por relva, "para evitar que as pessoas sujassem a água, sobretudo os miúdos que reboavam na areia e depois mergulhavam na piscina". A solução foi encontrada em conjunto com o vereador de então, Alfredo Casal Ribeiro. "Contudo, não resultou porque a relva não aguentou com os produtos químicos e, sobretudo, com a água salgada", admite.

"A piscina tinha um lava-pés a toda a volta e duches, mas as crianças não queriam saber. Por isso, acabámos por colocar pastilha a toda a volta", acrescenta.

Quem ia passar o dia à piscina tinha o direito de usufruir, gratuitamente, de cadeiras ou de espreguiçadeiras. "Havia cadeiras de lona, umas espreguiçadeiras e outras parecidas com as de realizador de cinema. As pessoas guardavam os valores nos balneários. A nascente havia uma esplanada grande, um solário, voltado para a rua 6 e os miúdos atiravam objetos a quem passava. Mais tarde essa área acabou por ser vedada para se evitarem problemas", lembra o antigo responsável.

Túnel de 70 metros até ao local com água salgada

A piscina era alvo dos mais rasgados elogios, não só pela higiene e limpeza, mas pela estrutura em si e pelo facto de ter água salgada. "A água dos tanques era mudada duas vezes por semana. Esvaziávamos o tanque principal às segundas e às sextas-feiras a partir das 16 horas. Ao final da tarde, três a quatro funcionários da Câmara, pagos com horas extraordinárias, iam para lá limpar sob orientação do Luís Estrela", o nadador-salvador e funcionário da piscina.

O tanque principal enchia durante a noite até ao dia seguinte. "A água salgada vinha de um poço e era bombeada através de duas bombas", explica, acrescentando que o poço ficava junto ao portão voltado para poente. "Existe uma galeria com uns



“

É verdade que as obras de remodelação descaracterizaram um pouco a piscina original, mas reconheço que trouxeram muitas vantagens, sobretudo no que respeita a limpeza. A água é filtrada e reaproveitada através de um tanque de compensação"

ÁLVARO MEIRELES,
EX-RESPONSÁVEL PELA
PISCINA



70 metros que ia ter a umas pedras de onde era retirada a água”.

De acordo com Álvaro Meireles, “em 1984, quando foi aberto o novo Balneário Marinho, detetou-se que havia infiltrações de água doce no poço. Vieram a Espinho os Bombeiros Sapadores do Porto para descobrirem por onde estava a entrar a água doce. Foi contratada uma empresa e o poço foi isolado, ficando apenas com água salgada”, dá nota.

Apesar de vir do mar, a água e a piscina eram tratadas com “sulfato de cobre que era colocado nas taças por onde jorrava a água salgada. A água estava sempre límpida. Havia um cuidado enorme por parte dos nossos funcionários em manter a piscina impecável”, sublinha.

Remodelação trouxe mais segurança

Enquanto encarregado da icónica piscina, Álvaro Meireles acompanhou a remodelação do equipamento e destaca “algumas alterações tecnológicas, sobretudo no Balneário Marinho onde havia dois filtros de areia e um tanque de compensação”.

Mas houve outras vantagens, sobretudo em termos de segurança. “Antes disso, o nadador-salvador tinha de estar com muita atenção, essencialmente junto aos cinco

metros de profundidade porque as crianças empurravam-se umas às outras e algumas não sabiam nadar. Ao domingo, a atenção era redobrada porque quem frequentava a piscina não sabia nadar e desconhecia que havia uma rampa até aos cinco metros de profundidade. Houve muitos salvamentos”, evidencia o antigo responsável que reconhece que com as obras, a piscina ficou mais funcional e segura.

Uma das medidas que Meireles tomou foi a do encerramento da plataforma de saltos dos 10 metros de altura. “Acabei por mandar fechar a plataforma dos 10 metros da prancha de saltos porque dois indivíduos, uma vez, colidiram, um ao saltar dos seis metros e o outro dos 10. Um dos indivíduos teve de ir para o hospital. Mais tarde, com a remodelação da piscina anularam mesmo a torre de saltos nas plataformas dos seis e dos 10 metros”.

“É verdade que as obras de remodelação descaracterizaram um pouco a piscina original, mas reconheço que trouxeram muitas vantagens, sobretudo no que respeita a limpeza. A água é filtrada e reaproveitada através de um tanque de compensação. Além disso, agora a água é analisada e controlada pela Autoridade de Saúde. A piscina tem três ou quatro filtros de 5000 litros. Antes da remodelação, a capacidade

da piscina era de mais de três milhões de litros de água”, assegura.

Espaço de estórias e de tradições

Muitos dos espinhenses passaram por este icónico equipamento, mas a família Calheiros Lobo deixou lá uma marca. “Eram pessoas espetaculares e como estiveram na fundação da piscina tinham 10 livre-trânsitos que lhes foram atribuídos em reunião de Câmara pelo Executivo”, diz Álvaro Meireles.

“Os doutores Antero, João e Pedro Calheiros Lobo continuavam a frequentar a piscina em setembro, mesmo depois de encerrar ao público. Acabávamos por retirar as bombas da água mais tarde para manutenção para eles poderem usufruir, durante mais algum tempo. Em outubro chegavam a ir para lá para tomar banho! Iam mais vezes nessa altura do que durante o verão”, diz Álvaro Meireles.

A piscina encerra estórias fantásticas, algumas mais desagradáveis. Meireles recorda-se de, um dia, o nadador-salvador e funcionário, Luís Estrela, “ter chamado a atenção a uma pessoa, acabando por a colocar fora da piscina. Era gente do Porto que destruiu tudo. Na semana seguinte foram à piscina à procura do Luís e um indivíduo com uma corrente agrediu-o no queixo. Os tipos fugiram e nunca se soube quem fez aquilo”, conta.

De Lanheses (Viana do Castelo) até à piscina

Amélia Coutinho, antiga funcionária da piscina, nasceu em Lanheses, Viana do Castelo. Veio para Espinho aos 18 anos de idade para trabalhar como servente e em 1 de abril de 1970 foi trabalhar para a piscina. Reformou-se aos 66 anos de idade e, atualmente, aos 90 anos, ainda se recorda das estórias e das pessoas que por lá passaram.

A azáfama na piscina era muito grande e Amélia e as suas colegas tinham de limpar toda a piscina.

“Havia areia em torno dos tanques e tínhamos de peneirar a areia todos os dias para recolher as pontas de cigarros e os paus dos fósforos. Tínhamos uma mangueira com 60 metros de comprimento para lavar a piscina a toda a volta. Isto era feito diariamente”, recorda.

“Muitas das vezes não acabávamos o trabalho ao final da tarde porque as pessoas não queriam sair da piscina e tínhamos de prosseguir logo de manhã no dia seguinte. Algumas vezes saíamos da piscina às 22 horas. Fazíamos o nosso trabalho e estávamos sempre bem-dispostas”, dá nota.

Com a remodelação da piscina as tarefas acabaram por ficar um pouco mais facilitadas. “Trouxeram um robot para a limpeza, o que tornou as coisas mais fáceis. Mas eram aplicados vários produtos químicos e tenho imensas marcas nas minhas pernas”, garante Amélia.

Apesar das mazelas, a antiga funcionária da piscina diz que conheceu muitas pessoas. “Gente de todo o mundo, algumas de França e outras que vinham da Rússia. Nós já sabíamos qual era o cantinho que queriam”, recorda com saudade.

Vida com alguns acidentes de percurso

Na sua vida como funcionária da piscina, Amélia teve alguns acidentes. No entanto, isso nunca a desencorajou a permanecer num trabalho que adorava.

“Um dia abri a cabeça com um guarda-sol que veio a voar do solário superior e que me atingiu! O Meireles ia à minha frente e disse-lhe que aquilo deveria ser para ele e não para mim! Fui para o hospital”, revela.

Mas não foi só este acidente. Amélia chegou a partir um osso do pulso. “Um cliente vinha a correr, escorregou e veio contra mim. Para não partir a cabeça, tentei proteger-me com a mão e parti o osso do pulso”.

Com o azar a bater-lhe à porta, um dia foi Luís Estrela que “vinha a sair de uma porta e não me viu. Foi contra mim e partiu-me duas

costelas. Mas cheguei a partir mais três costelas porque um indivíduo empurrou-me, de propósito, junto à areia. Mas ainda aqui ando”, diz Amélia que já conta com 90 anos de idade.

Admite ter sido sempre uma pessoa equilibrada, mas em algumas circunstâncias teve de se impor.

“Havia um agente da Polícia Marítima de Aveiro que era um homem muito forte. Tinha um pequeno quarto na piscina para mudar de roupa. Tinha estado na guerra e vinha perturbado. Um dia meteu um homem lá nesse quarto e pensei que o ia matar. Abriu a porta, agarrei-o pela cintura e disse-lhe para se sentar porque não estava bem. Ele obedeceu-me. Acabou por me contar a sua vida”.

O polícia que teve de obedecer a Amélia

Amélia nunca quis ter grandes problemas com os clientes da piscina, mas uma vez teve de se encher de coragem. “Havia um pedaço em relva que não deixávamos ir para lá ninguém e foram para lá dois casais. Fui ter com eles e disse-lhes que não podiam ficar ali. As senhoras tiraram as toalhas e levantaram-se. Um dos homens perguntou-me se sabia com quem estava a falar. Respondi-lhe que estava a falar para um homem. Perguntei-lhe se ele sabia para quem estava a falar e respondi-lhe que ele estava a falar para uma mulher pequenina. Ele exibiu um cartão da Polícia Judiciária. Disse-lhe que ele era polícia no quartel dele e que ali a polícia era eu. Pelo facto de ser polícia não era mais do que os outros”, relata Amélia.

A antiga funcionária conta que, por causa da piscina, também chegou a estar em perigo junto ao mar. “Um dia, ia caindo ao mar. Os motores que levavam a água avariaram e os funcionários tiveram de meter uma mangueira até ao mar para encher a piscina pequena. Fui com eles e levei um carrinho de mão com o motor para tirar a água. Veio uma onda e quase me levou”. •

50 Anos, 50 Factos

1973 2023

Episódios marcantes de uma terra que nasceu para ser cidade

Nas bodas de ouro da cidade, não podíamos deixar de olhar para trás e identificar momentos que marcaram a história recente de Espinho. Escolhemos 50 factos, que consideramos relevantes para compreender como evoluiu esta localidade, nascida e criada a partir do mar. Um resumo breve de um tempo que passou rápido, mas que tem muito para contar.

1970

1973 INAUGURAÇÃO DO TRIBUNAL DE ESPINHO



Formalizada em abril, ainda antes da elevação a cidade, a Comarca de Espinho teve o seu tribunal inaugurado a 1 de outubro, com a tomada de posse do primeiro juiz e o primeiro delegado: Emídio Teixeira e José Carlos Vilaça Fernandes, respetivamente. A cerimónia foi presidida pelo Governador Civil de Aveiro, Francisco Vale Guimarães, e teve lugar nos Paços do Concelho, onde se localizava a sala de audiências. Um marco assinalável na autonomia de Espinho, que teve continuidade em 1991, com a inauguração do atual Palácio da Justiça.

1974 SOLVERDE GANHA CONCESSÃO DO JOGO



Dois anos depois da fundação, a Solverde cumpre o objetivo para a qual foi criada: assumir a exploração da zona de jogo de Espinho. A empresa liderada por Manuel de Oliveira Violas venceu o concurso por 15 anos e assumiu um pesado caderno de encargos, que incluía, entre outras obras públicas, a criação de um casino totalmente novo, de um parque de campismo, uma unidade hoteleira e uma piscina coberta e climatizada.

1974 O ESPINHO VALENTE (!) ENTRE OS GRANDES



Foi um dos acontecimentos desportivos mais marcantes dos últimos 50 anos e inaugurou uma época dourada do futebol profissional em Espinho: a primeira subida do SC Espinho à I Divisão nacional. A vitória por 2-1, frente ao rival CF União de Lamas, fez o 'Avenida' irromper numa festa clamorosa, com a multidão a engolir – e despir – os crques desse tempo, como Gonçalves, Simplício, Meireles, Telé e Malagueta. Pena a derrota com o União de Tomar, que arredou os tigres do título nacional.

1976 AS PRIMEIRAS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS LOCAIS



No rescaldo do Verão Quente de 1975 e com a agitação social que caracterizou o pós-25 de Abril, Espinho viveu a sua primeira eleição autárquica em democracia no final de 76. O ano político ficou marcado pelo arranque das obras do Complexo Habitacional da Ponte de Anta e os eleitores, chamados a decidir, apostaram na continuidade: Artur Bártolo, então vice-presidente da Comissão Administrativa, foi o primeiro presidente eleito da Câmara de Espinho, pelo Partido Socialista.

1977 HABITAÇÃO SOCIAL A TODO O GAS

Aos 310 fogos da primeira fase da Ponte de Anta, seguiu-se o arranque de mais um grande complexo habitacional, num concelho em plena ascensão demográfica: 160 casas sociais, a edificar na Marinha de Silvalde, em terrenos então conhecidos pela quinta dos Contante Pereira. O projeto, ambicioso, previa somar às habitações uma escola primária, um centro cívico e dois parques infantis. A obra só ficou concluída em 1982 e as casas só no ano seguinte foram atribuídas.

1977 A 'VOLTA' A COMEÇAR EM ESPINHO

Num verão com muitos acontecimentos desportivos, onde se incluiu uma nova subida à I Divisão dos Tigres da Costa Verde e o fulgurante aparecimento de um 'tal' António Leitão, não deixa de ser digno de registo o arranque da Volta a Portugal ter sido...em Espinho, com um prólogo pela cidade. E o feito repetiu-se nos quatro anos seguintes.

1979 O PONTÃO E AVENIDA PARA A GRANJA



Contrariamente ao que hoje se possa pensar, a construção do pontão sobre a linha de caminho de ferro não foi pacífica. Mas marcou gerações e foi, durante décadas, um postal da cidade. A obra ficou concluída em 30 de março, bem a tempo de servir a época balnear. No mês seguinte, arrancava outra obra emblemática: a ligação da rua 20 até à Granja. Esta, no entanto, conheceu muitos avanços e recuos e só ficou concluída em março de 1982.

1980

1980 O NOVO 'CICLO' ESTÁ NO TERRENO

Depois da Escola Comercial e Industrial e do Liceu – batizado de Manuel Laranjeira – faltava resolver a lacuna do Ciclo Preparatório (hoje, segundo ciclo do ensino básico). A 25 de janeiro, a obra arrancou, com um projeto descrito nas páginas da Defesa de Espinho como de "estilo americano", composto por 32 salas de aulas, pavilhão, polivalente e cantina.

1981 "A MAIOR OBRA DE TODOS OS TEMPOS"



Depois de décadas de reivindicação e de uma catástrofe por pouco adiada nos anos 70, começava a obras mais importante de todas: defender Espinho do mar. Com apoio do LNEC, o Governo avançou com um projeto de edificação de 2 esporões de proteção e mais dois de proteção. Os dois primeiros na frente urbana, um com 375 metros e outro na praia dos Pescadores, com 430 metros.

1982 INAUGURAÇÃO DO NOVO CASINO DE ESPINHO



Cinco anos depois do início das obras, estava concluído o projeto para o maior casino português, com três mil metros de área construída. A inauguração teve honras de Estado, com a presença do então primeiro-ministro, Pinto Balsemão, e cerca de 700 convidados, que presenciaram um projeto que redefiniu a baixa da cidade. No mesmo dia, a Solverde inaugurou mais duas obras emblemáticas e que, mais tarde, foram outorgadas ao Município: o novo Parque de Campismo, junto à ribeira do Mocho; e a piscina coberta, junto à então rua 32.

1990

1983
O ANO ZERO DO FUTEBOL POPULAR

No ano em que o Campo da Avenida se tornou, finalmente, um relvado, o futebol concelhio conheceu outro momento histórico: o arranque dos campeonatos populares. A iniciativa competiu ao Cantinho da Ramboia, uma das muitas agremiações que se entretinha em torneios e convívios dispersos. Em finais de 83, juntaram-se mais 15 equipas, muitas das quais ainda resistem, e a competição arrancou no primeiro fim de semana de 1984. Até hoje, o 'popular' nunca mais parou.

1984
A GLÓRIA DE UM PREDESTINADO

Em 1977, Moniz Pereira disse estar perante o “melhor corredor de meio fundo que apareceu no país”, nas vésperas de António Leitão, com apenas 17 anos, partir para o primeiro Europeu júnior, em Donetsk (Ucrânia). Dois anos, em Bydgoszcz (Polónia), subiu a primeira vez ao pódio, na mesma competição. Mas a coroa de glória estava reservada para a Olimpíada de Los Angeles 1984, onde a 12 de agosto conquistou o bronze, numa das mais rápidas corridas de 5000 metros da história dos Jogos. Um campeão eterno!

1985
ADEUS AO VELHO TEATRO SÃO PEDRO

Erguido nos anos 40 do século XX, o Teatro São Pedro foi o espaço onde muitas gerações aprenderam a gostar de cinema. A sua demolição, iniciada a 14 de maio, foi traumática para muitos espinhenses, mas a degradação do edifício e a sua estética não tornavam a manutenção consensual. Na esquina da 8 com a 23 nasceria, anos mais tarde, o moderno edifício de uso misto, onde também foi instalado um auditório com projeção de cinema. Hoje está entregue à IURD.

1985
O LAR QUE FALTAVA À CIDADE

Começou a ser construído em 1983 e foi inaugurado dois anos depois, no mês de julho. O lar da Misericórdia de Espinho correspondia a uma aspiração antiga da instituição, que beneficiou de diversas doações na zona de Pedregais, em Anta, para edificar esta moderna instalação e que ainda hoje funciona em pleno.

1987
RUA 19 SEM CARROS

Quatro anos depois de se iniciar o debate público, a véspera do feriado municipal marcou o ponto final na circulação automóvel na Rua 19, entre a 20 e o largo da Graciosa. Uma medida que a avaliar pelas páginas da Defesa de Espinho, ainda não estava digerida, um mês depois de se concretizar. Os horários das recolhas, o escasso movimento, a opção por encerrar apenas ao fim de semana, eram os argumentos mais invocados pelos comerciantes.

1989
A DESPEDIDA MERECE A LITO

“Não volta a haver outro como ele”, escrevia-se na primeira página da Defesa, após a morte de Lito Gomes de Almeida, a 26 de outubro. Carismático e agitador, recuperou a Câmara de Espinho para o PSD, em dezembro de 1985, mas no final do primeiro mandato foi forçado a suspender funções devido à doença, que o viria a vitimar. Na memória dos espinhenses, ficaram as muitas peles que Lito vestiu, mas sobretudo a de um espinhense que amou a terra como poucos.

1991
FALECEU O COMENDADOR MANUEL DE OLIVEIRA VIOLAS

O comendador Manuel de Oliveira Violas, industrial que construiu um império e que foi a alma da Solverde, faleceu em fevereiro de 1991. A sua urna levou a bandeira do seu Sporting Clube de Espinho, num último adeus marcado pela presença de uma verdadeira multidão, com figuras políticas, personalidades representativas da vida social e empresarial e, sobretudo, com gente do povo.

1991
INCLUSÃO NA ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

A discussão sobre o “abandono” do distrito de Aveiro foi interminável. Mas, em 1991, Espinho teve mesmo de se decidir pela inclusão ou não na Área Metropolitana do Porto. O sim foi consensual na Assembleia Municipal realizada a 16 de dezembro

1991
A ABERTURA DO NOVO PALÁCIO DA JUSTIÇA

Não foi pacífica a eliminação de um dos quarteirões onde, até então, se realizava uma parte da feira semanal. Mas a obra do novo tribunal avançou e a Justiça teve, finalmente, o seu lugar próprio no concelho, devidamente afastada no poder político.

1993
JOSÉ MOTA CONQUISTA A AUTARQUIA

Com cerca de mil votos de vantagem, José Mota venceu de forma surpreendente, mas categórica, as eleições autárquicas para o PS. A fratura provocada pela candidatura de Rolando de Sousa e as divisões internas no PSD ajudaram a uma eleição, que abriu o

mais longo ciclo de poder autárquico em Espinho, após o 25 de Abril.

1994
IC1 FINALMENTE INAUGURADO

Falada desde os anos 70 – na altura, como variante à EN 109 – esteve para atravessar a zona urbana de Espinho, mas acabou por prevalecer o desenho proposto pelo engenheiro Almeida Garret, que defendia a passagem a nascente da igreja de Anta. A obra só ficou concluída em 1994, foi inaugurada a 1 de junho e estava integrada no IC1.

1995
CAPITAL DO VOLEIBOL DE PRAIA

Os resultados que Miguel Maia e João Brenha começavam a obter no voleibol de praia colocaram Espinho na rota da elite mundial da modalidade. Ao ponto de Espinho acolher um dos Grand Slam do circuito mundial, que trouxeram à cidade os principais craques mundiais das areias. Incluindo os ídolos locais. Até 2008 foi um dos expoentes do verão espinhense e que arrastou multidões à Praia da Baía.

PARABÉNS ESPINHO
PELOS 50 ANOS DA
ELEVAÇÃO A CIDADE.

FREGUESIA
ESPINHO
F

50 Anos, 50 Factos

2000

1996 UMA NAVE QUE LEVANTOU VOO

A 3 de maio, com a presença do primeiro-ministro, António Guterres, é inaugurada a Nave Polivalente de Espinho: uma das maiores infraestruturas desportivas do país, com um custo de um milhão e meio de contos e uma capacidade para mais de 10 mil lugares. O primeiro grande acontecimento foi a poule de apuramento olímpico de voleibol para Atlanta 96 – que Portugal faliu por pouco. Entre eventos desportivos – com destaque para o Campeonato do Mundo de Andebol 2003 – musicais e políticos, a Nave de Espinho manteve uma gestão operacional complexa e enfrenta, hoje, sérios problemas de manutenção.

1996 MAIA E BRENHA SURPREENDEM O PAÍS E O MUNDO



Amigos de infância, Miguel Maia e João Brenha cresceram juntos no voleibol e numa cidade de praia. Somando as variáveis, tornaram-se a melhor dupla portuguesa de sempre, começando a epopeia com uma vitória internacional em Espinho, nos idos de 94. No ano seguinte, apuraram-se no Rio de Janeiro para a estreia da variante de praia nos Jogos de Atlanta 96. E foram para a Geórgia como ilustres outsiders. O percurso foi fulgurante, tendo vencido duplas históricas, como os brasileiros Zé Marco e Emanuel ou os noruegueses Kvhaleim e Maseide. Na meia-final, perderam por uma unha negra e acabaram derrotados pelo cansaço, na atribuição do bronze. Repetiriam a façanha em Sydney 2000, mas não houve amor pela praia como o primeiro.

1997 TÊNIS COM CASA DE LUXO

Longe dos antigos courts junto ao parque João de Deus, Espinho viu nascer em 97 um dos mais modernos e bem equipados complexos tenísticos da Península Ibérica. A 17 maio o equipamento foi inaugurado pelo secretário de Estado do Turismo, Jaime Andrez,

contando com um total de 15 courts, sete dos quais em terra batida e três destes cobertos.

1997 CENTRO DE SAÚDE NOVINHO EM FOLHA

Maria de Belém Roseira, então ministra da Saúde, esteve em Espinho, em meados de Março, para inaugurar o moderno Centro de Saúde – equipamento reivindicado há vários anos pela população. A governante salientou a importância do serviço para uma população flutuante de 40 mil pessoas e deixou garantias para o futuro do hospital.

1998 ESTREIA DAS ESTÁTUAS VIVAS

No ano em que se assinalou os 25 anos de elevação a cidade, Espinho deu início a uma tradição, realizando até aos dias de hoje o Encontro de Estátuas Vivas. Um ponto alto no leque da animação de rua espinhense, trazendo até ao público o melhor da criatividade e da imaginação.

1999 SOLÁRIO ATLÂNTICO COM NOVA CARA

A requalificação da Piscina Solário Atlântico foi encetada a partir de 1995, já com José Mota a presidente de Câmara. Uma obra realizada entre 1998 e 1999, em 14 meses, com custo aproximado de 4,4 milhões de euros. Foi inaugurada em finais de março de 1999 e a estrutura sofreu algumas importantes alterações, nomeadamente com a redução da profundidade e a anulação das plataformas da torre de saltos. Manteve-se, porém, uma das principais características: a água do mar.

2000 A ABERTURA DO MULTIMEIOS



Com o novo milénio à porta, a cidade recebeu com pompa e circunstância um novo equipamento cultural: o Centro Multimeios. Inaugurado por Jorge Sam-

paio, então Presidente da República, o espaço incluía um moderno auditório com cinema de grande formato; um planetário, salas polivalentes, galeria e cafetaria: Um arrojado projeto de Nuno Lacerda, que ainda hoje constitui o principal espaço cultural de Espinho.

2001 TIGRES CONQUISTARAM A TOP TEAMS CUP

O SC Espinho conquistou em março de 2001 a Top Teams Cup, prova europeia de voleibol. Os tigres derrotaram, na final, a equipa russa do Ekaterimburgo, num jogo realizado no pavilhão Erdemir Sport Salonu, na Turquia. Miguel Maia serviu e Sandro Correia a finalizou o set da negra. Os espinhenses, comandados por Fernando Luís foram recebidos em apoteose.

2004 O SONHO DO ENTERRAMENTO TORNOU-SE REAL



A linha férrea esteve para ser quadruplicada nos anos 90. Ou para ser desviada em meados do século XX, para o que é hoje a avenida 24. Mas colocar o comboio em túnel foi visto como um sonho impossível. Até se realizar. O projeto nasceu em 2004 e teve evolução decisiva com as escavações em junho de 2006, mas nunca foi pacífico, sobretudo pelo muro erguido no Bairro Piscatório, que se imortalizou como o 'da vergonha'.

2008 O COMBOIO PASSOU A CIRCULAR EM TÚNEL

Às 6 horas e 55 minutos cumpriu-se um momento histórico, depois de atravessar o primeiro Alfa Pendular pelo novo túnel ferroviário de Espinho. Quatro anos depois do arranque da "obra do século", estava cumprido o grande objetivo com o enterramento da linha férrea e que passava por retirar os comboios do centro da cidade.

2006 FOSFOREIRA: UM ENCERRAMENTO SIMBÓLICO

Foi um das grandes indústrias locais, com mais de 400 trabalhadores e era um exemplo no que hoje se designam por práticas de responsabilidade social corporativa, oferecendo refeitórios, creche e até cuidados de saúde aos funcionários. Depois de mais de 10 anos de greves e suspensões laborais, a Fosforeira encerrou definitivamente a 30 de setembro de 2006. Foi também o encerramento definitivo da grande indústria em Espinho.

2005 MERCADO MUNICIPAL REABRIU FECHADO

O saudosismo da antiga 'Praça' sentiu-se em força, quando, em junho de 2005, o Mercado Municipal reabriu depois de prolongadas obras de renovação. Tudo, porque o projeto de reabilitação consistiu numa cobertura total do equipamento e conferiu-lhe um ar sombrio e fechado.

2005 SÍLVIA SAIOTE E ANA SIMÕES SALTAM PARA O OURO

A cidade mobilizou-se em finais de setembro de 2005 para receber na estação de Espinho as atletas da Associação Académica de Espinho, Sílvia Saiote, campeã do mundo de duplo minitrampolim individual e por equipas e Ana Simões, medalha de bronze individual e de ouro por equipas. As atletas foram homenageadas pelo Município de Espinho.

2005 CHOQUE COM AVIONETA MUDOU O AERÓDROMO



Uma colisão entre uma avioneta e um automóvel ligeiro, no atravessamento da praia de Paramos, na noite de 26 de junho, chocou Espinho e o país. Do acidente resultou a morte do condutor,

Geoffrey Fernandes (20 anos), e do piloto, Xavier Queirós, mas as consequências também se estenderam ao Aero Clube Costa Verde, que se viu obrigado a reduzir o comprimento da pista em várias centenas de metros.

2007 POUSADA PARA A JUVENTUDE



Prometida desde 2011, a Pousada da Juventude viu a luz do dia em dezembro de 2007. O equipamento foi construído junto à Nave Polivalente e ao Complexo de Ténis, servindo, em teoria, de apoio aos eventos ali realizados.

2007 HOSPITAL PRIVADO DE URGÊNCIAS NOTURNAS

A reforma hospitalar de Correia de Campos retirou ao Hospital de Espinho o Serviço de Atendimento Permanente entre as 24 e as 8 horas. A contrapartida foi a disponibilização de uma ambulância INEM durante 24 horas, com referenciação aos hospitais de Gaia e Feira.

2009 ESTACIONAMENTO NA CIDADE PASSOU A SER PAGO

Quase 20 anos depois da extinção dos parquímetros no centro da cidade, o estacionamento voltou a ser pago em Espinho, a partir de 19 de março. O contrato previa a exploração do parqueamento automóvel por um período de 25 anos, com preço de 80 centimos por hora e a criação de dois parques subterrâneos. Acabou por ser renegociado em 2018 e por dar origem ao novo parque inserido no projeto ReCaFe.

2010

2020

2009 PSD MUDA ESPINHO... E SILVALDE



Foi, talvez, o fim de semana politicamente mais imprevisível de que há memória em Espinho. A 9 de outubro, a dois dias das eleições autárquicas, José Mota inaugurou o edifício da biblioteca municipal, mas sem livros. Este tipo de iniciativas e o desgaste de 16 anos de governação, com as obras da linha férrea em particular destaque, colocaram Pinto Moreira na rota de uma eleição surpreendente, que se confirmou na noite do dia 11. A euforia laranja tomou conta da cidade e da freguesia de Silvalde, onde os social-democratas venceram de forma inédita... por um voto!

2009 INAUGURAÇÃO FACE

O Fórum de Arte e Cultura de Espinho (FACE), antiga fábrica de conservas Brandão Gomes, foi mostrado aos espinhenses aquando das comemorações do feriado municipal. O projeto, que se caracterizava por ser ambicioso, continha vários espaços para exposições, salas para acolher associações e entidades e também um parque de estacionamento subterrâneo. No entanto, alegadamente por falta de segurança, o parque teve apenas abertura em julho do ano passado.

2011 MARMELO E SILVA NA NOVA BIBLIOTECA MUNICIPAL



Quase 20 meses depois da inauguração polémica, a Biblioteca Municipal foi aberta ao público, tendo sido batizada com o nome do escritor natural de Paul (Covilhã), e que fez carreira docente em Espinho: José Marmelo e Silva. O projeto, assinado pelo espinhense Rui Lacerda, veio rematar a renovação feita no Parque João de Deus.

2013 AGREGAÇÃO DE ANTA E GUETIM

As duas freguesias conheceram uma nova estrutura orgânica da administração local em 2013 com a implementação de um decreto que obrigava à reorganização administrativa do território, através da criação de freguesias por agregação ou por alteração dos limites territoriais. Uma decisão contestada por muitos cidadãos que, durante vários anos, se mostraram contra a união. No ano passado, deu-se início à tentativa do processo de reversão, aguardando apenas luz verde da Assembleia da República.

2014 TIGRES NA ELITE CENTENÁRIA

O Sporting de Espinho chegou, no dia 11 de novembro, aos 100 anos de vida. Passou a militar no restrito clube dos centenários apresentando um currículo com um título europeu de voleibol e 11 temporadas na primeira divisão de

futebol. Muitos esperavam que a vitória no encontro da Taça de Portugal, frente ao Sporting CP, fosse a prenda ideal, mas não foi mais que um reavivar dos tempos idos. O clube assinalou a data com um logotipo comemorativo e outras iniciativas muito vocacionadas para os adeptos.

2014 AS ESCOLAS DO FUTURO

A aplicação de uma nova carta escolar no concelho teve o seu primeiro grande momento concretizador com a inauguração dos centros Escolares de Anta (3,6 milhões) e Paramos (2,5 milhões), a 24 de novembro. Nuno Crato, então ministro da Educação elogiou a modernização do ensino local, que prosseguiu em 2016 com a abertura do edifício homólogo de Silvalde.

2015 PORTUGAL CAMPEÃO DO MUNDO NAS AREIAS DA BAÍA



No mês de julho de 2015 a praia da Baía, em Espinho, recebeu o Campeonato do Mundo de futebol de praia. A cidade esteve nas bocas do mundo com um dos mais extraordinários e mediáticos eventos desportivos de sempre. No estádio montado no areal, uma multidão acorreu para assistir aos jogos. Portugal sagrou-se campeão mundial da modalidade com uma vitória na final ante o Taiti.

2017 RECAFE: A (NOVA) OBRA DO SÉCULO



Após várias revisões ao projeto inicial, a obra de Requalificação do Canal Ferroviário (ReCaFe) foi apresentada publicamente a 22 de fevereiro de 2016. Só mais de um ano depois, com o visto do Tribunal de Contas, foi possível avançar com a renovação da área liberta pelo enterramento da linha de comboio, quase 10 anos depois de esta ter ocorrido. Um novo começo para a baixa da cidade, que ainda não terminou.

2018 A ÚLTIMA DANÇA NO VELHINHO COMENDADOR

O SC Espinho fez o último encontro no Estádio Comendador Manuel de Oliveira Violas, a 20 de maio de 2018. O adversário foi simbólico: o Sport Clube Vianense, clube que havia inaugurado o antigo Campo da Avenida, a 15 de março de 1926. Uma despedida com um estádio cheio e, mesmo sem contar, com muita emoção à mistura.

2021 QUARENTA ANOS DEPOIS, O ESTÁDIO



A discussão foi (e promete continuar a ser) eterna. Depois do centro desportivo desenhado por Jerónimo Reis, do projeto ser ou não ser municipal nos anos 80, das primeiras pedras lançadas nos anos 2000, finalmente um projeto estádio foi para o terreno, em janeiro de 2021. Adjudicada por cerca de 4, 4 milhões de euros, a obra parecia querer avançar, mas acabou por travar com o pedido de cessão de contrato do empreiteiro, já em 2022. A solução parecia estar encontrada, mas o estádio está neste momento parado e à espera de uma auditoria.

2023 VÓRTEX ABRE VENDAVAL POLÍTICO

A 10 de janeiro último, Espinho acorda com a detenção do presidente da Câmara Municipal, Miguel Reis, por suspeitas de corrupção em processo de licenciamento urbanístico. A ação conduzida pela Polícia Judiciária visa também o anterior autarca, Pinto Moreira, tendo sido alvo de buscas domiciliárias. Os dois foram constituídos arguidos, mas só Miguel Reis foi sujeito a prisão preventiva, medida que mantém até hoje. A política local sofreu um abalo histórico, que resultou numa nova liderança no Município e numa sequência de indícios que estão por apurar na justiça.



Anta e Guetim
A essência histórica que marca o
caminho e o futuro da Cidade de Espinho





**SÓ SE
FAZ UMA VEZ**

**ESPINHO 1973»2023
CELEBRAÇÕES ELEVÇÃO DE
ESPINHO A CIDADE**



Comemorar o 50º Aniversário da Elevação de Espinho a Cidade é celebrar a vida, a história e o património de toda uma comunidade. É evocar os feitos e o legado de todos aqueles que contribuíram para a construção de uma identidade que vive por si. É percorrer os espaços e as memórias que sobrevivem à erosão do tempo.

Meio século de uma história maior e bem enraizada na ligação entre a terra e o mar. Cinco décadas de recordações e vivências que ajudam a fortalecer os laços que forjaram a coroa da nossa Rainha da Costa Verde. Cinquenta anos de desafios e conquistas que nos devem inspirar para construir um futuro melhor.

Parabéns Espinho!

Maria Manuel Cruz
Presidente da Câmara

PROGRAMA

13 JUNHO

19h00 | 1ª Sessão de Debate do Ciclo “Dinâmicas da Cidade”
Centro Multimeios

15 JUNHO

21h30 | Espetáculo Gilmário Uemba
Centro Multimeios

16 JUNHO

09h30 | Hastear da Bandeira na Junta Freguesia de Espinho
Edifício da Junta de Freguesia de Espinho

10h00 | Abertura da Piscina Solário Atlântico

10h00 | Surf “Espinho Waves For All”
Praia da Baía

10h30 | Hastear da Bandeira na Câmara Municipal de Espinho
Câmara Municipal de Espinho

11h00 | Sessão Solene
Praça Dr. José Salvador [Largo da Câmara]

15h00 | Inauguração da Exposição 50º Aniversário da Elevação a Cidade
Alameda 8

16h00 | Inauguração da Sede Associação Mulher Migrante
FACE - Fórum de Arte e Cultura de Espinho

18h00 | “Zumba Na Baía” - Ls Fitness
Esplanada Praia da Baía

21h30 | Concerto Abertura Festival Internacional
de Música de Espinho
“Orquestra Gulbenkian-David Fray-Piano e Direção Musical”
Auditório de Espinho

22h30 | Concerto Comemorativo dos 50º Aniversário da Elevação a Cidade
XUTOS & PONTAPÉS
Praça do Mar

23h59 | Fogo de Artifício
Praia dos Pescadores – Silvalde

17 JUNHO

10h00 | “Going Up” - Espinho Climbing Festival
Praça Progresso

10h00 | Surf “Espinho Waves For All”
Praia da Baía

16h30 | Lançamento 12º Volume Cadernos de Espinho
“A Terra das Ruas Numeradas”
Biblioteca Municipal José Marmelo e Silva

21h30 | Concerto Coro Genesis - Hymnus
Praça do Mar

PÉRIPO FIME - CONCERTOS PELA CIDADE

15h30 | Vera Morais [voz]
Hristo Goleminov [saxofone tenor]
Rua 2 - frente à Gelataria Esquimó

16h30 | António Victorino D'almeida [piano]
Capela Sta. Maria Maior [Capela N. Sr.ª D'Ajuda]

17h45 | Eva Fernández Trio
Varandim Piscina Solário Atlântico

19h00 | África Negra
Escadaria Praia da Baía

18 JUNHO

10h00 | Surf “Espinho Waves For All”
Praia da Baía

10h00 | “Going Up” - Espinho Climbing Festival
Praça Progresso

16h00 | Comemoração 5º Aniversário “Mar é Nosso”
Esplanada Praia da Baía

PÉRIPO FIME - CONCERTOS PELA CIDADE

10h00 | Sons do Mar
Parque João de Deus

10h30 | Ensemble Saxofones AME
Rua 19»Rua 14

11h00 | Percussões EPME
Esplanada Praia da Baía - Rua 4

11h30 | Orquestra Camerata
Rua 2 - Gelataria Esquimó

12h00 | Coro Crescendo
Esplanada Praia da Baía - Restaurante Aquário

12h30 | Combo Jazz EPME
Esplanada Praia da Baía

22 JUNHO

14h30 | 1º Encontro Internacional
Ferroviário de Espinho
Edifício Progresso

DATA ESPECIAL

O privilégio de celebrar o aniversário com a cidade

Tem em comum a data de 16 de junho e, por isso, não escondem a forte ligação à cidade. A Defesa de Espinho entrevistou cinco espinhenses que celebram o aniversário no mesmo dia da cidade.

GONÇALO RIBEIRO

16 DE JUNHO é um dia marcante para todos os espinhenses, mas consegue ganhar um significado ainda mais especial para uma pequena franja da população. Entre as pessoas que pertencem a este pequeno grupo estão Sónia Devesas, Sara Ferreira, Vicente Pinto, Arminda Neves e Arlindo Lourenço, que têm em comum o facto de celebrarem o próprio aniversário no dia da cidade e de poderem chamar “casa” a Espinho.

Sónia Devesas nasceu a 16 de junho de 1976, no hospital de Espinho, tendo morado sempre em Guetim. É educadora de infância e esteve quase 24 anos num colégio em Grijó, sem que, curiosamente, nunca tendo trabalhado na sua cidade natal. Atualmente, desempenha funções em Albergaria-a-Velha, como educadora de infância, mas não esconde a vontade de um dia trabalhar em Espinho.

Também no mesmo dia, mas em 1971 nasceram, em Espinho, Sara Ferreira, técnica de contabilidade, e Vicente Pinto, ex vice-presidente da Câmara Municipal. Sara sempre viveu em Espinho, tendo trabalhado fora da cidade durante cinco anos. Hoje trabalha na sua cidade, conhecendo e lidando com espinhenses todos os dias, algo que considera muito gratificante, porque assim é possível falar com eles pessoas sobre a cidade. Viver e trabalhar em Espinho é algo que Sara Ferreira adora, afirmando que “não trocaria a cidade por outra” pois “é a melhor que há”.

No caso de Vicente Pinto, vive

em Anta e trabalha agora no Porto como diretor geral de uma empresa tecnológica. Residiu em São Félix da Marinha durante cinco anos, o que não significa que não fizesse a sua vida na cidade que o viu nascer. Para Vicente, a maior parte das pessoas que vive em Espinho não quer sair, afirmando que é uma cidade que deixa sempre alguma marca. Considera-se um sortudo por viver



“Não se respeitaram as casas antigas. Custa-me ver as casas tradicionais a serem demolidas ou mal restauradas”

ARLINDO LOURENÇO



©SARA FERREIRA

onde vive, algo que foi difícil para muitas pessoas da sua geração.

Em 1985, no dia em que Espinho celebrava 12 anos de elevação a cidade, nascia Arminda Neves. A operária fabril sempre viveu em Silvalde e recorda-se de festejar o aniversário no mesmo dia em que celebrava o dia da cidade, quando ia ver o hastear da bandeira. Revela ainda que toda a gente que a encontra diz que tem sorte, porque celebra o aniversário num feriado e, por isso, nunca trabalha.

Nascido em 1964, Arlindo Gomes é o único que não partilha o local de nascimento com os restantes entrevistados. É natural de Fiães, concelho de Santa Maria da Feira, mas desde cedo escolheu Espinho para passar os verões, acabando por se estabelecer na cidade em 2002. Afirma que as suas raízes estão na cidade, definindo os espinhenses como “acolhedores, que colaboram e se ajudam mutuamente”. Trabalha como assistente técnico no Município de Espinho, no departamento de planeamento e desenvolvimento local, desde 2017.

Falta de vida noturna: uma preocupação comum

Estando ligados à cidade é natural que estes aniversariantes tenham preocupações semelhantes relativas a Espinho. Uma delas é a falta de vida noturna, algo que é notado por Sónia Devesas, Sara Ferreira e Arminda Neves.

No caso de Sónia Devesas, a sua adolescência foi passada em Espinho, nas praias e nos bares da cidade, recordando que, na altura, havia

mais oferta para os jovens a nível de vida noturna.

“Havia o bar Zanzibar, que era muito conhecido, e o Fora d’Horas. A juventude da minha altura juntava-se por aqui, vivia-se mais à noite e aos fins-de-semana. Atualmente, há muita oferta para a juventude no verão, como é óbvio, mas no inverno nem por isso”, explica.

Sónia acredita que devia haver uma aposta maior de Espinho no inverno, quando a oferta cultural é pouca, referindo que os eventos no Casino “não são acessíveis” para todo o tipo da população e que a oferta do Centro Multimeios não é suficiente. Em contrapartida, acredita que Espinho é um local bom para a vida familiar.

Sara Ferreira julga que a cidade podia estar mais evoluída, até porque está bem localizada. Considera ainda que “não há quase vida noturna” em Espinho, que no inverno é um “autêntico deserto” e mesmo no verão, se se quiser dar um passeio,



“O custo de vida está elevado e ainda temos de pagar para estacionar. Quem quiser vir ao comércio tradicional depara-se com um caos, principalmente no inverno”

ARMINDA NEVES



©ISABEL FUSTIGNO

é uma “escuridão total” porque as montras estão fechadas.

Os pontos em que a cidade podia melhorar não acabam aí, na opinião de Sara Ferreira. Segundo a própria, há um problema de higiene, explicando que, apesar de existirem poucos caixotes do lixo, a culpa não poderá ser atribuída somente a quem está à frente da cidade, mas também aos cidadãos, sendo que muitos “não têm civismo”.

Para Sara há ainda problemas a nível de infraestruturas, mencionando o estado “vergonhoso” das estradas e a falta de estacionamento grátis, levando vários espinhenses a andar bastante até ao seu local de trabalho.

Na opinião de Arminda Neves, a cidade mudou muito, considerando que a sua geração era mais feliz que a atual. Além da pedra da calçada e da antiga estação, Arminda recorda com saudade os pequenos bares que “levavam os adolescentes a vir tomar um café ou beber um copo” e o bar de karaoke, “onde se dedicavam canções e chamavam-se amigos para cantar”.

“Neste momento, não posso falar sobre como está a vida noturna, porque os anos vão passando, agora tenho um filho e a hora de deitar é diferente. Mas vê-se. Venho jantar e reparo que não há ninguém. Fazem-se os jantares de aniversário, mas não há muito mais para além disso. Antigamente tínhamos uns bares, karaoke, agora temos estes que não são nada de especial”, compara.

Arminda aprofunda o assunto e questiona se há uma parte da população espinhense que terá saído do concelho, tendo ido viver para outras zonas, como Santa Maria da Feira, Porto ou Gaia. Para a espinhense é algo que não faz muito sentido, tendo em conta os pontos positivos da cidade, mas é inegável que foi perdendo protagonismo na vida noturna.

Um dia especial

Para todos os aniversariantes, o 16 de junho é um dia de celebração duplo e de fortalecimento das raízes vareiras. É impossível não pensar na cidade, que deixa uma marca vitalícia a quem cá cresce e vive.

O facto de ser um feriado municipal, permite aos aniversariantes celebrar com maior liberdade, podendo aproveitar para estar com a



© ISABEL FAUSTINO



Somos pessoas de luta. Quando é para ajudar conseguimos fazer isso. Somos pessoas solidárias, mas acima de tudo somos trabalhadores e temos garra”

SARA FERREIRA

família e amigos.

Em pequeno, quando Vicente Pinto descobriu que fazia anos no dia da cidade ficou muito agradado. Numa segunda instância porque trabalhava em Espinho e podia gozar o dia por ser feriado. Em terceiro lugar, porque sempre sentiu uma ligação muito forte à cidade e o dia do aniversário acaba por tocar o aniversariante de forma especial.

Vicente acrescenta que sempre teve um grande orgulho de fazer anos no dia da cidade, afirmando que sente a cidade como parte de si e que nunca se vai separar de Espinho.

Tendo sido vice-presidente da Câmara Municipal de Espinho durante 12 anos, Vicente Pinto já conjugou o seu dia de aniversário com as celebrações do dia da cidade, tendo ainda participado em iniciativas que a Câmara organizou quando era mais jovem.

Na sua infância, numa altura

em que a “mobilidade e o poder de compra não eram o que são hoje”, Vicente tinha um ritual peculiar no dia 16 de junho.

“Vinha à cidade, ver o mar e passear pela esplanada. Apesar de viver a dois quilómetros, nesse dia vinha sempre, fosse como fosse. Comecei a fazer isto quando tinha 10 anos, numa altura em que as coisas eram diferentes. Agora protegemos muito os mais novos, antes havia mais alguma liberdade”, revela.

O espinhense afirma que a primeira reação que teve quando soube que partilhava o dia de aniversário com a cidade foi de curiosidade. É algo “espetacular, um dia especial”, porque ninguém trabalha nesse dia. Sempre que ia ao café ou à mercearia da esquina, “toda a gente estava lá”, e era cumprimentado pelos presentes.

Há ainda outra curiosidade, relacionada com o facto de haver pessoas a recordarem-se do seu dia de aniversário mais facilmente. Vicente recorda que hoje existem os telemóveis que alertam para isso, mas, na altura, as pessoas lembravam-se porque era feriado.

Arlindo Lourenço revela que o sentimento de fazer anos no dia da cidade é algo diferente e um “grande privilégio”. Curiosamente, só soube disso no dia em que veio trabalhar para a Câmara, há seis anos.

A relação com Espinho começou quando era pequeno. Era a sua cidade de referência, para onde vinha com 7 anos. Arlindo ainda se recorda de vir de autocarro com a família e



© ISABEL FAUSTINO



Atualmente, há muita oferta para a juventude no verão, como é óbvio, mas no inverno nem por isso”

SÓNIA DEVESAS

passar quinze dias do mês de agosto na cidade.

Numa fase posterior, a família passou a vir de carro e depois até alugou casa em Espinho, durante 3 anos. Quando tinha 19 anos, tomou a iniciativa de vir sozinho, passando os fins-de-semana pelas terras vareiras.

“Lembro-me de passar bastante tempo na zona dos cafés perto da estação. Vinha para cá de tarde e saía daqui ao final do dia. Era e é um local aprazível, onde podemos falar e conviver. Aqui há de tudo, mar, praia, bares, zona de lazer... é uma cidade boa para viver, temos tudo próximo. Adoro Espinho e vou continuar aqui muitos anos”, explica.

Por todas as memórias, mais ou menos distantes, Arlindo Lourenço sente-se “adotado” pela cidade desde pequeno, porque a cidade diz-lhe muita coisa. Apesar do vento, adora a praia, que considera “diferente”, o mar, a pesca, referindo que gosta de ver as redes a sair na arte xávega. Para Arlindo, ainda há tradição em Espinho, há “bairrismo” e orgulho vareiro.

Sónia Devesas revela que o dia 16 de junho foi sempre especial, por ser o dia da sua cidade e que, às vezes, vinha de Guetim a Espinho para assistir aos cortejos comemorativos. O facto de ser um feriado também ajuda, tendo em conta que isso significava que não tinha aulas nesse dia, quando era mais nova, podendo sempre celebrar com amigos.

Para Sara Ferreira celebrar o aniversário a 16 de junho é algo “maravilhoso”, que deixa a cidadã orgulhosa. Em jeito de brincadeira, costuma dizer que Espinho foi elevada a cidade nesse dia porque se celebrava o seu aniversário. Nunca conjugou a sua celebração com a da cidade porque nunca “ninguém a convidou”, mas fá-lo sempre em Espinho com a família.

Tal como os seus concidadãos, Arminda Neves demonstra felicidade por ter nascido a 16 de junho, assumindo que é um privilégio e que Espinho faz parte de si.

Junho de 73 trouxe ventos de mudança

A elevação a cidade foi um acontecimento que transformou Espinho em vários aspetos, de 1973 a 2023 muita coisa mudou e os aniversariantes têm a sua própria visão no que a isso diz respeito.

Sónia Devesas tem a opinião mais positiva em relação às mudanças que a cidade sofreu, afirmando que não há nada que tenha piorado significativamente.

Por outro lado, Sónia considera



que 16 de junho de 1973 trouxe uma grande evolução a nível político, cultural e turístico, o que resultou na “melhoria da vida de grande parte da população”. Para a espinhense, o turismo talvez tenha dado o salto maior visto que “se vê muitos estrangeiros durante praticamente todo o ano”.

A discordar ligeiramente de Sónia Devesas está Sara Ferreira, admitindo que há “coisas que estão melhor, mas há outras que fazem falta”. Exemplo disso é a antiga e “bela” estação de comboio, cujo desaparecimento foi um “erro”. Sara é apologeta de se ter arranjado outra alternativa à demolição da estação e de outros “prédios emblemáticos” de Espinho. Ainda assim, a espinhense considera que a cidade está mais “moderna e evoluída”.

Na opinião de Vicente Pinto, as mudanças sofridas por Espinho são semelhantes às mudanças sofridas pela sociedade, acrescentando que o “que é aceitável hoje, antes não era e vice-versa”. Algo que não mudou para o espinhense foi a segurança que se sente na cidade, algo que tem um “valor extraordinário” para qualquer pai e que “tem de ser mantido”.

Arlindo Lourenço destaca os acessos, o surgimento de supermercados, “que ajudaram muito a desenvolver a cidade”, e o facto de ainda existir comércio tradicional na cidade. A juntar a estas melhorias, Arlindo acha que a cidade ainda vai “melhorar muito”.

Na opinião de Arlindo, um dos problemas que afetou a cidade foi a construção em altura, que “não fica bem”. O espinhense considera que existem muitos prédios, resultado de uma construção “exagerada” que não era necessária.

“Não se respeitaram as casas antigas. Custa-me ver as casas tradicionais a serem demolidas ou restauradas pouco apropriada”, afirma Arlindo.

Virtudes e defeitos de Espinho

Os aniversariantes foram questionados a fazer uma análise geral à cidade e ao seu povo, chegando, em alguns casos, a algumas conclusões semelhantes.

Sónia Devesas revela que já pensou em mudar de país, mas no fundo é incapaz de mudar de cidade. Espinho é a cidade onde nasceu, cresceu e conheceu muita gente, uma cidade que provoca um sentimento especial sempre que regressa de férias. As mais-valias da cidade para a espinhense são os restaurantes, o casino e a receção hospitaleira, “que torna tudo mais acolhedor” destaca.

Algo que sempre agradeceu Sara Ferreira é a organização das ruas, que torna a circulação “muito fácil”. Outros aspetos positivos de Espinho são o mar e “o golf é outra mais-va-



É uma cidade plana onde podemos andar confortavelmente e em segurança. Podemos encontrar cidades que são assim, pacíficas, mas chegam a um ponto em que parece que falta algo. Espinho tem a parte que falta pois como é muito procurada, tem muito movimento”

VICENTE PINTO

lia da nossa cidade pois traz muita gente”. A nível de comércio “também estamos bem servidos” acrescenta.

Relativamente aos espinhenses, Sara realça a “simpatia” e a raça vareira. “Somos pessoas de luta. Quando é para ajudar conseguimos fazer isso. Somos pessoas solidárias, mas acima de tudo somos trabalhadores e temos garra”, afirma.

Vicente Pinto não poupa nos elogios à cidade. Para o espinhense, entre os aspetos que levam as pessoas a querer ficar em Espinho estão a qualidade de vida, todo o tipo de serviços e o comércio, acrescentando que “já não é preciso sair da cidade para quase nada”.

O antigo vice-presidente da Câmara elogia ainda a vista, a praia, o facto de ser uma cidade aberta e que “teve um bom planeamento urbano” desde o início.

“É uma cidade plana onde podemos andar confortavelmente e em segurança. Podemos encontrar cidades que são assim, pacíficas, mas chegam a um ponto em que parece que falta algo. Espinho tem a parte que falta pois como é muito procurada, tem muito movimento” refere.

Vicente destaca duas marcas fundamentais na progressão de Espinho: a linha de comboio e o casino, que trouxeram um “impacto muito grande”. A nível desportivo, Vicente Pinto destaca o voleibol, referindo que “não há um espinhense que não

se reveja, não siga e não acompanhe a modalidade”.

A ligação do povo com o mar é algo que também não é esquecido por Vicente Pinto, evocando a “raiz vareira”, pesca e a arte xávega que “continuam a marcar muito”.

A relação com o mar também é realçada por Arminda Neves. Talvez por isso é que a espinhense escolhe a praia como um dos melhores aspetos da cidade, a juntar ao casino e gastronomia, onde se destacam os restaurantes de peixe fresco.

No que a aspetos negativos diz respeito, Arminda afirma que os espinhenses têm de ser “observadores e críticos”, por muito que gostem de Espinho. Nesse sentido, critica o estacionamento na cidade, que classifica como “horrrível”.

“O custo de vida está elevado e ainda temos de pagar para estacionar. Quem quiser vir ao comércio tradicional depara-se com um caos, principalmente no inverno, por isso, não acho que os parquímetros sejam benéficos. Há muita construção, tem de haver espaço para essas pessoas estacionarem, onde é que ele está?”, questiona.

Entre os principais aspetos da cidade que Arlindo Lourenço prefere destacar está a facilidade de deslocação de peões, afirmando que não precisa de carro, apesar de viver em Espinho. Arlindo considera que a cidade “convida a caminhar”, o que

poderá ser uma forma de “exercitar e desanuviar um pouco”.

Outro aspeto que torna a cidade especial é o seu “microclima”, que tanto pode trazer “um dia bom como um dia mau” no que às condições climáticas diz respeito.

Desejos para o 50º aniversário

Não haverá nada mais apropriado do que receber prendas no aniversário, o que confere aos espinhenses entrevistados o direito a uma lista de desejos para a dupla celebração de 16 de junho de 2023.

Sónia Devesas deseja que a cidade continue a evoluir, apelando ao investimento na cidade, que se continue a “trabalhar para os municípios”, e pede um olhar especial para as freguesias que “por vezes são esquecidas”.

Já Sara Ferreira deseja que quem estiver na Câmara “lute pelos espinhenses, pela cidade e pelas infraestruturas”, promovendo a cidade e melhorando a qualidade de vida. Pretende ainda que se retire alguma carga dos impostos municipais, que haja mais transparência e que se consigam fixar muitos jovens na cidade, com perspetivas de emprego.

Na lista de desejos de Vicente Pinto está a manutenção do sentimento de vir a Espinho e do “cheiro a maresia depois de uma pequena chuvada”. Vicente pretende que se

continue a usufruir da paisagem, dos equipamentos, do comércio e dos serviços “sem o peso das grandes metrópoles”.

No caso de Arminda Neves, o desejo passa por haver mais qualidade de vida para os mais novos, não só monetária, mas que seja suficiente para que se “possam formar famílias e as pessoas possam viver bem”.

Arminda também espera que Espinho melhore na componente de lazer, podendo surgir como uma “cidade bonita, cheia de jardins, para que as crianças possam sair”.

“Faltam campos para os miúdos jogarem futebol, basquetebol, ou outros desportos. Por exemplo, quando o meu filho tiver 13 ou 14 anos vai praticar desporto onde? Não há campos para os miúdos praticarem desporto, para poderem sair de casa. Noutras cidades as coisas são mais airosas” desabafa.

Para Arlindo Lourenço a prioridade da cidade devia ser a aposta nas infraestruturas, algo que vê como “possível”. Conta ainda com a esperança de que as estradas e os passeios sejam de “melhor qualidade”. Relembra ainda que “falta” um parque de lazer para as crianças e que é necessário olhar mais para a ocupação de jovens e idosos. ●



Peraltafil

CAIXILHARIAS DE ALUMÍNIO, S.A.

Produzimos a caxilharia perfeita
para o seu projeto

www.peraltafil.pt

CERTIFICADOS E CREDITADOS POR:





opinião
Ricardo Fidalgo

A minha casinha

Nunca tinha dado por mim a pensar nisto:

Quando nasci, Espinho era cidade há apenas 7 anos, quase 8; Quando comecei a jogar voleibol, aos 8 anos, Espinho estava nos “sweet sixteen”; Naquele título da Liga de Honra que nos soube a “Champions”, A cidade chegara há pouco à vida adulta; Quando dei o meu primeiro beijo, Espinho entrava nos vinte; Toquei o primeiro concerto, com Hangwire, no “Liceu”, tinha eu 17 anos e esta terra faria 25 poucos dias depois; E quando saí para a universidade... e quando trabalhei nos jornais e na rádio... e quando fui bancário... e quando voltei aos palcos... e, de repente, Espinho, faz 50 anos. 50 anos!

Só agora reparo que a minha cidade-materna é, na prática, uma espécie de irmã mais velha. Aquela que vibra com os sucessos dos seus, mais de perto ou à distância, aquela com quem rimos mas que também lá está quando precisamos de chorar.

(e quando comecei a sair à noite...)

Durante uma boa parte da vida, olhamos para os irmãos mais velhos como infalíveis. Os que já viveram muito e já sabem tudo. Até que percebemos que são de carne e osso, têm mais dúvidas

do que certezas e chegam primeiro do que nós às fases da vida em que o mar de rosas se transforma em mar de espinhos. Não é que as cidades também se fazem assim? Espinho emancipou-se por rebeldia, fez-se querer pela beleza, elevou-se de tão teimosa. E encantou-nos (ai, se encantou), a nós, que jurávamos a pés juntos não querer outro ar, outras praias, outros quarteirões, outras ondas.

Só agora reparo que a minha cidade-materna é, na prática, uma espécie de irmã mais velha. Aquela que vibra com os sucessos dos seus, mais de perto ou à distância, aquela com quem rimos mas que também lá está quando precisamos de chorar.

(e quando passeava com os meus cães no parque...)

Mas depois vem “aqui não se passa nada”, “a cidade está feia”, “já viste que foi o primo do tio do afillhado que teve direito àquilo?”, “estas obras não têm jeito nenhum”, “isto está tudo ao

abandono” ou “os gajos é que se orientam!”. Porque, afinal, os irmãos mais velhos não sabem tudo, às vezes andam perdidos no caminho; chega até o ponto de termos de ser nós a dar-lhes a mão para mostrar que há vida para lá das dores de crescimento ou amadurecimento.

(e quando nos sentávamos junto às palmeiras da Avenida...)

Herdámos o orgulho espinhense e crescemos a professar a raça vareira que nos faz amar e respeitar o mar como só uma terra nascida de pescadores saberia fazer. Mas tivemos de aprender a ser cidade. Aliás, continuamos a ter de aprender a ser cidade. Porque Espinho não são “eles, os que mandam”; Espinho somos nós. Como podemos dizer que não se faz nada se somos os primeiros a não fazer? E que não se passa nada se não forçamos para que se passe? Que a cidade está pouco cuidada quando não cuidamos mais do que o nosso quintal?

Chegamos aos 50 anos mais do que afirmados enquanto cidade, mas com muito por fazer enquanto comunidade. Parece-me que já percebemos que o mundo não começa nem acaba no nosso ar, nas nossas praias, nos nossos quarteirões e nas nossas ondas. É um bom princípio, ninguém se faz a olhar para o próprio umbigo. Agora, sabendo que há mundo para lá das fronteiras com São Félix da Marinha,

Esmoriz, Grijó ou Nogueira da Regedoura, chega a altura de saber que cidade queremos ser e o que cada um de nós pode contribuir para isso.

(e quando o vólei de praia nos deixava em euforia...)

Um dos primeiros concertos de que (muito vagamente) me lembro é o de Xutos & Pontapés no tão saudoso Estádio Comendador Manuel de Oliveira Violas. Curiosamente, os mesmos Xutos que vêm, agora, cantar os parabéns a Espinho pelo 50.º aniversário. Talvez, à passagem para a magnífica Praça do Mar, se lembrem de perguntar o que é feito do estádio; e se espantem quando os informarem que essa já não existe - é uma ruína -, nem outra que lhe suceda. Talvez queiram saber, também, da mítica discoteca onde após outro concerto por cá os encontrei a comer hambúrgueres entre a madrugada e o início da manhã; e se espantem quando os informarem que essa já não existe - é uma ruína - nem outra que lhe suceda.

Porque os espinhenses são assim: saudosistas como tudo, mas geralmente pouco dados a mexer uma palha para se mobilizarem e tentarem inverter as situações.

(e quando passavam carros por toda a rua 19...)

Mesmo assim, se tiver oportuni-

dade, hei-de dizer aos Xutos & Pontapés que a minha casinha não tem igual. Que ando pelas ruas de coração cheio por ter nascido e crescido aqui. Que duvido que haja outra cidade em que encontre um amigo, depois cumprimente o primo-de-um-conhecido, logo a seguir acene àquele-que-namorou-com-a-afilhada-do-senhor-do-talho e me sente na esplanada rodeado de caras que são de sempre. Hei-de dizer-lhes, também, que por muito que a nortada sopra, que o mar esteja frio ou que os políticos nos derretam a confiança, não vou deixar de crer que o próximo meio século de vida nos fará mais atentos e mais envolvidos. Palavra de irmão mais novo. ●

PARABÉNS CIDADE DE ESPINHO

No próximo dia 16 de Junho assinala-se o 50º aniversário da elevação da Cidade de Espinho. A Junta de Freguesia de Paramos, associa-se a esta efeméride lembrando que quem faz as cidades são as pessoas. Por isso damos os parabéns aos que diariamente trabalham para o engrandecimento da nossa cidade fazendo votos que continue a crescer e a desenvolver-se para bem da cidade e de todos nós.

O Presidente da Junta de Freguesia
Manuel Dias



POSTAS DE SARDINHA

DESDE  2021

AO PREÇO QUE
ESTÁ A HABITAÇÃO
TEMOS MESMO DE VOLTAR
A DIVIDIR A LATA



 50 ANOS
DE CIDADE ESPINHO 



RADIO POPULAR

Não corras riscos

Protege o teu ecrã

FAST PROTECT



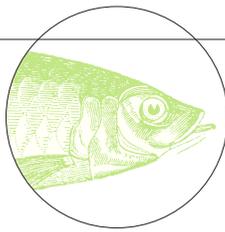
Aplicação na hora
de películas em smartphones
tablets e smartwatches

desde
€ **9,99**



RADIO POPULAR
service+

É do nosso mar



VOX POP

Estádio, hospital e diversão noturna estão entre os desejos dos espinhenses

A propósito do 50.º aniversário da cidade, a Defesa de Espinho foi ouvir os espinhenses e perceber que presentes gostariam que a sua cidade recebesse. Recorrendo à memória, partilham também aquela que consideram ser a melhor prenda que a cidade já recebeu.



1.
Que prenda gostaria que Espinho recebesse nos 50 anos do seu aniversário?

2.
Qual foi a melhor prenda que Espinho recebeu até agora?



Rogério Costa

1 – A melhor prenda para Espinho, neste momento, acho que seria a sua própria evolução. Enquanto outras cidades estão a evoluir, Espinho não tem evoluído e isso seria importante.
2 – Nos últimos tempos não me recordo de nada, mas acho que, olhando para o passado, a melhor prenda foi a vila de Espinho ser elevada a cidade. •



Joaquina Sá

1 – Não sei, é complicado. Talvez colocar o hospital a funcionar como antigamente, porque quando tínhamos aqui o serviço de urgência era espetacular.
2 – Foi a elevação de Espinho a cidade. Isso foi muito importante porque antigamente para se resolver algum assunto tinha que se ir à Vila da Feira e agora não, consegue-se fazer tudo na própria cidade. •



Madalena Silva

Na minha opinião, isso foi uma coisa muito importante para Espinho. Já mais recentemente, acho que outra prenda boa foi o enterramento da linha. Há quem seja contra, mas acho que assim é melhor. Para fazermos a passagem da linha tínhamos que estar imenso tempo à espera e agora é mais prático. •

1 – Acima de tudo, para promover mais a cidade e ajudarem as pessoas a estabelecerem-se cá, acho que era importante continuar a desenvolver atividades. Acho que uma boa prenda seria dinamizarem coisas e prepararem atividades, mesmo para adultos. Isso faz falta e acho que traz cá muita gente.
2 – Acho que o espaço verde que existe

próximo da Câmara Municipal é muito bom. Em termos de exploração de atividades, tal como tem acontecido, acho que tem sido das melhores prendas que a cidade tem recebido. •



Maria Alves

1 - Gostava que a polícia não autuassem os idosos que vêm à feira porque isso prejudica a venda na Feira de Espinho.
2 - Não acho que Espinho tenha recebido nenhuma prenda em especial, mas acho que algo que seria bom era ter o Miguel Reis de volta. •



Sérgio Ribeiro

1 - O SC Espinho devia receber o Estádio Municipal, era o mais importante, para ver se o clube volta a atingir os tempos áureos do passado.
2 - A melhor prenda que Espinho recebeu foi ter-se tornado cidade, a criação do concelho e tornar-se independente, o que lhe deu autonomia financeira e económica. Essa terá sido a melhor das prendas. •



Rui Martins

1 - Uma melhoria geral dos serviços, que fossem mais eficientes para todos nós. Essencialmente os serviços públicos.
2 - Já tivemos boas prendas, o quartel dos bombeiros foi uma delas. As escolas também foram importantes para o Município, as melhorias a nível de equipamentos públicos, desde o Multimeios, o FACE, a Biblioteca. Todos estes equipamentos são importantes e é preciso mantê-los. •



© BRUNO CARVALHO



Luciana Tavares

1 - Espinho já tem os passadiços junto à praia, mas gostaria que tivessem outra manutenção. É uma atração da cidade e deviam ser melhorados.
2 - Acredito que uma boa prenda foi a nova avenida 8, junto à estação, mas não sei se poderia ser melhor. •



Rita Lima

1 - Não sei bem, mas se calhar podia ter um centro comercial, pois ainda não tem. Acho que ia trazer gente para Espinho.
2 - Talvez a avenida 8. Acho que foi uma obra importante que atrai os turistas e também as pessoas de cá. •



...É DE ESPINHO,
 VIVA!

PUB



**Aquário
 Marisqueira
 D'Espinho**
 Desde 1954

50 anos de Cidade
 Parabéns Espinho!

PUB



© ARNUNDO CAPRICHOSO

**Vitória do Bem**

1 – No verão começaram a valorizar-se as festas e as festividades, assim como os vários concertos musicais promovidos pela Câmara Municipal de Espinho. Poderia fazer-se uma aposta mais firme e efetiva na Academia de Música de Espinho porque essa instituição poderia oferecer muitos mais espetáculos com artistas estrangeiros. Mas há muitas atividades desportivas que a cidade recebeu ao longo destes anos, como o surf e os campeonatos do mundo de voleibol de praia. Poderia apostar-se mais nos desportos de praia, em toda a extensão da costa em frente à cidade.

2 – A Academia de Música de Espinho cresceu imenso a partir do momento em que foi construído o novo edifício, onde se encontra atualmente. A cidade ganhou muito com isto porque além do contributo que a instituição dá para a juventude, em

termos de formação musical, tem proporcionado espetáculos musicais de grande qualidade para os espinhenses. Mas continua a haver falta de espaço para os alunos estudarem e isso poderia ser, também, um contributo a dar no futuro. Por outro lado, é necessário pensar no Centro Multimeios e intervir de forma a recuperar aquela infraestrutura que também serve a cultura. •

**Inês Couto**

1 – A melhor prenda seria resolver a questão do estacionamento, porque o que existe para a cidade é muito pouco e o que há tem que se pagar. Era importante haver mais e gratuito.

2 – Acho muito engraçado aquela zona junto à estação onde existem os parques infantis para as crianças. Penso que isso é interessante e enriquece muito a cidade. É uma diversão para as crianças e fica muito bonito. •

**Pedro Ribeiro**

1 – Deveriam apostar na praia e nos acessos, criando mais apoios e ao longo de todo o ano. Deveriam ser feitos balneários, mais casas de banho e locais onde lavar os pés.

2 – Moro na zona da beira-mar e muita gente diz mal da obra do século, que foi o enterramento da linha do comboio. É verdade que poderia ter sido feita de outra forma, mas reconheço que não havia muito dinheiro. Não quero pôr em questão se foi bem ou mal feita essa obra, mas considero que foi extraordinária para nós, espinhenses. A cidade está ligada e sem a quebra que era a linha e os próprios turistas deixaram de se queixar do barulho. Além disso, todo aquele espaço à superfície parecia o pátio das gaiotas. Por isso, esta, para mim, foi a melhor prenda que a cidade recebeu ao longo dos seus 50 anos. •

**Manuel Américo**

1 – Gostaria que Espinho tivesse mais limpeza, os jardins mais bonitos e cuidados e sem aquela vegetação de campo, o que é uma vergonha para todos os espinhenses. Gostaria de ver os contentores mais limpos e sem os cheiros nauseabundos. Gostaria de ver a alameda 8 mais bonita e asseada, pois tem uns arbustos de campo. Gostaria de ver as nossas praias mais asseadas, já que as pessoas que para cá vêm, ao domingo, deixam-na toda suja. Teriam de ser criadas equipas de limpeza para as ruas e para as praias.

2 – Não estou a ver alguma coisa especial que Espinho tenha recebido nestes 50 anos. Houve mudanças no aspeto da cidade. •

**Francisco Leça**

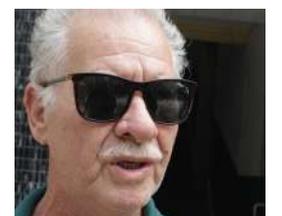
1 – A noite em Espinho é um bocadinho parada e precisava de ser mais animada e atrativa para a juventude. A única diversão que existe é a do Casino Espinho e seria bom que houvesse muitas alternativas para que nós, os jovens, procurássemos mais esta cidade como alternativa à diversão noturna. As lojas do comércio local fecham muito cedo e nem sempre estão abertas ao fim de semana e aos feriados. Se abrissem todos os dias e a outras horas, seriam um polo de atração aos espinhenses e para os que vêm para cá.

2 – Espinho está a ganhar cada vez mais protagonismo na região. As pessoas estão a conhecer melhor esta cidade, que é muito atrativa e bonita. A praia melhorou imenso e está muito bonita e atrativa, com espaços para a prática desportiva. Tem bastante animação. •

**José Raúl**

1 – Gostava de poder atuar no dia 16 de junho, porque já não me contratam há muitos anos. Não tenho nada contra a Câmara, apenas gostaria de receber essa prenda. Gostava que Espinho pudesse melhorar, porque dá a impressão que a cidade parou no tempo. Há aqui certas coisas que têm de melhorar para que quem visite dê o benefício à cidade.

2 – O conjunto de obras que foram feitas ao longo dos anos, apesar de algumas estarem paradas. É preciso que se continue a fazer esta requalificação, porque Espinho precisa de coisas novas. Temos vindo a melhorar, mas é preciso dar tempo ao tempo. O Casino também foi muito importante, atraí muita gente de vários pontos do país. •

**Fernando Neves**

1 – Sinceramente, não devia haver muitas prendas, porque Espinho não tem olhado para o setor mais desfavorecido. Criei cá a minha filha, tenho cá netos, sempre vivi aqui e gosto de Espinho a 100%, mas, por vezes, estas questões fazem a diferença. A melhor prenda seria a reabertura do hospital.

2 – Alguns dinheiros comunitários que não foram bem utilizados, na minha opinião. O Casino também foi importante, sem ele a cidade não era nada. É algo que eleva a cidade a nível europeu, ou talvez mais alto, porque está à frente de toda a gente, é algo que distingue. •

OPORTO GOLF CLUB



Uma academia para formar os golfistas de amanhã

É um dos mais jovens projetos do centenário Oporto Golf Club. A Academia de Golfe foi lançada em 2019 e atualmente é já um sucesso e uma referência no meio. A ideia de Luís Miguel Montenegro acolheu, desde a primeira hora, o aplauso e o apoio da direção do clube que em menos de um ano passou do papel à prática. Atualmente são mais de meia centena de jovens praticantes que usufruem de um trabalho de preparação na modalidade.

MANUEL PROENÇA

É UM PROJETO pensado para os jovens e uma forma que o Oporto Golf Club (OGC), o mais antigo clube de golfe da Península Ibérica e um dos mais antigos da Europa, levar os mais novos a praticarem a modalidade e a conquistar novos associados. A ideia passou por substituir a antiga escola, que apenas

lecionava ao sábado e domingo, por um ensino da modalidade disponível ao longo da semana. A infraestrutura necessária para o arranque nasceu em menos de meio ano e custou cerca de 80 mil euros.

"Sempre tivemos uma escola de golfe onde estavam os dois profissionais, o Eduardo Maganinho e o seu irmão. No entanto, as aulas de golfe só estavam disponíveis ao sábado e

ao domingo para os jovens golfistas, não havendo a possibilidade de administrar nos restantes dias porque os monitores tinham as aulas particulares ao longo da semana", conta o atual vice-presidente da direção do OGC e mentor da ideia da Academia, Luís Miguel Montenegro.

"Em Portugal começaram a surgir as academias nos clubes de golfe e começamos a sentir falta de jovens

jogadores. Por outro lado, havia a necessidade de os nossos jogadores treinarem mais", explica dando como exemplo o clube vizinho, em Miramar, que "já tinha a sua academia montada e estava a realizar um trabalho com resultados à vista nas competições, aumentando o número de praticantes e, também, a quantidade de treinos ao longo da semana".

Esse acabou por ser o catalisador necessário para "a direção do OGC avançar com decisão de criar a academia e dar o salto. Não podíamos continuar com o formato que tínhamos", diz o dirigente responsável pela Academia de Golfe.

"A escola funcionou ao longo de muitos anos, mas não era compatível com o paradigma do golfe atual. Quando se tem objetivos nesta modalidade é necessário trabalhar e treinar muito", diz o dirigente, explicando que "a primeira medida que tivemos de assumir foi, desde logo, encontrar um treinador".

A primeira escolha caiu em Miguel Valença, que fazia parte do programa do Paredes Golfe Clube, que, segundo o dirigente, "era um projeto com uma ligação a todas as escolas daquele concelho que têm na área curricular a modalidade do golfe e conta com um enorme apoio da Câmara Municipal que transporta todas as crianças para o campo. Era um projeto muito interessante e estava a ter muito sucesso e, por isso, este treinador dava-nos todas as garantias para arrancarmos de forma muito segura com a nossa Academia de Golfe", recorda.

"O Miguel Valença, com a sua experiência, entendeu por bem serem dois treinadores e, por isso, também veio o Afonso Girão. Passámos a trabalhar com os jovens todos os dias, de manhã à noite", acrescenta.

O projeto arrancou, mas faltavam as condições e o espaço. "Perguntámos ao Miguel Valença o que era necessário em infraestruturas para que tivéssemos uma boa academia. Por isso, montámos uma estrutura à qual chamamos 'estúdio' que não serve, apenas para bater bolas, mas para a análise de swing através de um avançado programa que já detínhamos e que nos tinha sido oferecido pelo presidente da

direção de então, Manuel Violas", explica Montenegro.

Projeto avançou em tempo recorde de seis meses

Identificados os problemas e as soluções, Miguel Valença disse que o novo espaço teria de ser criado em três ou quatro anos. Mas o projeto avançou mais rápido e "em cerca de meio ano foi construída a infraestrutura porque os meus colegas de direção concordaram desde logo e deram luz verde para se avançar", revela Luís Miguel Montenegro, acrescentando que foi ele que fez o desenho do estúdio juntamente com o profissional do clube, Eduardo Maganinho. "Falámos com uma empresa de Cortegaça que faz casas modulares e nasceu a obra", dá nota, acrescentando que "para essa empresa também foi algo de novo e, por isso, tiveram todo o interesse em agarrar o desafio".

O projeto arrancou e Luís Miguel Montenegro diz que, a partir desse momento, "aumentamos o número de jogadores", reconhecendo que "muitos vieram com o Miguel Valença".

"Atualmente temos uma Academia de Golfe que funciona todos os dias, de manhã à noite e com iluminação. Aos sábados e aos domingos realizam-se os treinos de conjunto. Nos restantes dias os atletas podem marcar os treinos ou com o Miguel Valença ou com o Ricardo Garcia [ex-jogador, açoriano, da Ilha Terceira], que são agora os dois treinadores da academia".

A Academia está aberta aos jovens associados e, a direção promete não existir distinções. "Há clubes que diferenciam os jogadores da academia e do clube em si, mas no Oporto Golf Club não fazemos distinção. O jovem que entra para nosso associado, automaticamente faz parte da Academia de Golfe", dá nota o vice-presidente.

Munição para as equipas principais

À semelhança das outras modalidades, captar atletas mais novos para formação será uma mais valia para as equipas futuras, um tópico partilhado pelo dirigente. "Antes de montarmos a Academia tínhamos uma equipa principal de homens, mas

VERÃO

Verão **ACADEMIA**.com

50% DESCONTO

PREMIUM WELLBEING & FITNESS CLUB

+351 963 109 171

Rua 20, nº2394, Espinho



Há clubes que diferenciam os jogadores da academia e do clube em si, mas no Oporto Golf Club não fazemos distinção. O jovem que entra para nosso associado, automaticamente faz parte da Academia de Golfe”

LUÍS MIGUEL MONTENEGRO, VICE-PRESIDENTE DO OGC



nas camadas jovens começamos a não ter miúdos. Foi por isso que sentimos que teríamos de fazer algo para os captar e para os atrair para a modalidade. Tínhamos de preencher os ciclos de forma a que garantissemos uma equipa principal”, lembra o responsável da direção do clube.

Segundo Luís Miguel Montenegro, “os jovens, a partir dos 23 anos, concluem os estudos e começam a trabalhar e é nessa altura que deixam de fazer parte da Academia. Este foi o sinal que tivemos para mudar a nossa filosofia e forma de trabalhar dentro do clube”, acrescenta.

A Academia de Golfe tem sido, assim, uma mais-valia para o clube. Após um período em que o clube não ganhava títulos, após a criação da Academia o OGC tem somado títulos atrás de títulos. “Já ganhámos quatro campeonatos nacionais, sendo os três últimos consecutivos, com a nossa equipa principal, o que reflete todo este trabalho que temos estado a realizar”, afirma Montenegro.

A Academia de Golfe do OGC é atualmente uma referência que, juntamente com o nome do próprio clube é, por si só, “um atrativo para os jovens jogadores de golfe”, assegura Luís Miguel Montenegro fazendo questão de valorizar, sobretudo, “o trabalho que estamos a fazer com os jogadores mais novos”.

“É uma alegria vermos pelo OGC tantas crianças”, evidencia o dirigente.

“Queremos continuar a fazer um

bom trabalho com os nossos treinadores e a direção do clube cá estará para dar todas as condições, como o fez com a construção da própria Academia”, promete Luís Miguel Montenegro.

“Temos um campo fantástico, mas vamos tentar melhorar a zona envolvente para o treino, aumentando a área do driving range porque cada vez mais os jogadores e o próprio material vão evoluindo”, afirma.

“Gostaríamos de ter no OGC instalações para poder acolher os jogadores que vêm de longe para trabalhar na Academia. Seria algo como um pequeno centro de estágio onde os jogadores possam ficar alojados, com um pequeno ginásio. Temos área para o fazer e é um sonho que tenho”, conclui.

Da velha escola para uma nova academia

A história da Academia de Golfe passa, naturalmente, pelo profissional do OGC, Eduardo Maganinho, que é responsável pelas equipas principais do clube e que esteve como treinador da escola de golfe do clube (que foi criada em 1983) até 2019.

“A escola de golfe só trabalhava ao fim-de-semana e isso era limitativo ao desenvolvimento de novos jogadores. Tínhamos poucos jogadores bons e estavam a ultrapassar a idade de pertencerem à escola”, lembra Eduardo Maganinho afirmando que a Academia de Golfe “veio tra-

zer outras condições de trabalho”.

“A partir da criação da academia passei a ter mais tempo livre ao fim de semana para poder dar aulas aos sócios do clube com idades mais avançadas”, explica.

“Foi uma boa iniciativa da direção e já são visíveis alguns frutos, nomeadamente os três títulos nacionais de clubes que conseguimos. Associámos o trabalho que vinha sendo feito aos novos jogadores que acabaram por entrar”, diz Eduardo Maganinho.

“Já se nota que há um trabalho de eleição no clube”, evidencia o profissional do OGC acrescentando que o objetivo é que “estes jogadores venham a fazer parte das equipas do clube e que cheguem às seleções nacionais”.

“É muito importante que estes jogadores mantenham a ligação ao clube e à academia”, sublinha.

Eduardo Maganinho garante que está de olhos postos no trabalho que se está a realizar na Academia de Golfe. “Estou permanentemente informado sobre a prestação de todos os jogadores nossos que estão em competições e troco muitas impressões com o Miguel Valença”, assegura o técnico que sempre que pode, transmite um pouco da sua experiência.

Profissional do clube há cerca de 40 anos, Eduardo Maganinho entende que os jovens deverão procurar a modalidade “como uma diversão”. Os jovens “são demasia-

damente competitivos e, muitas das vezes, zangam-se uns com os outros sem qualquer razão. O jogador de golfe depende apenas de si próprio e é essa luta que terá de travar. A amizade é fundamental, sobretudo entre colegas do clube. É este o apelo que lhes faço”, termina.

Miguel Valença é a alma do projeto para os jovens golfistas

Miguel Valença faz parte dos primeiros passos da Academia de Golfe e tem a seu cargo a organização e o planeamento, além de orientar os treinos dos jogadores e de fazer a gestão de carreira dos atletas do OGC. O seu trabalho é meticoloso e vai ao pormenor de elaborar o planeamento mensal e individual dos atletas. Além disto, o técnico cuida de toda a logística para os torneios onde participam. “Procuro fazer um trabalho bem elaborado, à semelhança daquilo que se faz noutras modalidades, com estatísticas e planeamento”, revela. “Trazemos todo esse conhecimento para o grupo para analisarmos todos os detalhes de forma a contribuirmos para o percurso de cada um dos que está em competição”.

O trabalho da academia, segundo Miguel Valença, “visa o desenvolvimento da modalidade e tem como objetivo a captação dos jovens, fazendo com que gostem cada vez mais de jogar golfe. Por outro lado, está voltado para a competição

onde tentamos exponenciar elevando ao máximo as características e as qualidades de cada um dos jogadores, com treinos individuais de forma a que consigam alcançar os objetivos. Neste sentido, temos, por um lado, a captação e formação e, por outro, a área competitiva”.

Miguel Valença diz que o especial trabalho está voltado para crianças. “Queremos trazer para cá aqueles que têm uma ligação familiar com golfistas ou com sócios do clube e tentamos estruturar a academia de forma a maximizar esta vertente, adequando horários e a nossa comunicação com esses jovens”, explica o técnico acrescentando que, por outro lado, encetam um trabalho junto das escolas, “promovendo algumas atividades ligadas ao golfe”, sobretudo durante as interrupções letivas. “A complementar, temos uma ativa comunicação das nossas atividades nas redes sociais, de forma a promovermos a modalidade e a despertar o interesse dos jovens pelo golfe”, sublinha.

Segundo o técnico, o custo para a participação de um jovem na academia “é muito baixo” relativamente àquilo que é praticado com outras modalidades. “Uma criança, até aos 16 anos de idade paga, apenas 60 euros por ano (cinco euros por mês) o que corresponde à sua quotização como sócio do OGC”, dá como exemplo, acrescentando que “engloba três treinos individuais por semana e dois treinos em grupo ao fim de



A mensagem e a imagem desta academia foi rapidamente passada para outros clubes, que tinham muitos jovens jogadores e que começaram a vir para cá

EDUARDO MAGANINHO, PROFISSIONAL DO OGC



© SARA FERREIRA

semana. “As crianças poderão, além disto, usufruir das instalações do clube, como qualquer associado e ainda fazemos o acompanhamento a todos os torneios onde os jogadores participem”.

Miguel Valença esteve sempre ligado à modalidade e, por isso, entende e explica as diferenças entre a antiga escola e a nova academia. “Ambas surgiram de acordo com as necessidades da época”, diz o técnico. “Quando apareceram as escolas havia menos torneios e menos responsabilidades dos jogadores e dos clubes e os treinos eram os ideais para as necessidades. Muitos dos jogadores das escolas de golfe eram familiares de praticantes da modalidade e o próprio convívio transmitia muitos desses conhecimentos de que necessitavam. Eu próprio sou fruto dessa realidade, porque o meu pai jogava golfe. As necessidades atuais são muito diferentes. Os jovens têm de ser motivados e precisam de um treino organizado e planeado para conseguirem melhorar a performance para a competição. Há muitos torneios e muitos são importantíssimos e há uma necessidade de conciliar a vida escolar destes jovens com os horários de treinos. As coisas agora não acontecem por acaso, mas sim porque preparamos estes jovens para as provas que enfrentam”, explica o treinador.

Por fim, Miguel Valença acredita que “é com um rejuvenescimento

através desta academia que o clube se irá manter vivo por muitos mais anos. É por isso que é necessário prosseguir este caminho e mostrar aos sócios do OGC que podem confiar-nos os seus filhos, netos ou amigos. Temos um campo fantástico e temos, sobretudo, muita vontade de trabalhar com a juventude”.

A experiência de um dos melhores jogadores nacionais

Vasco Alves é um dos melhores jogadores de golfe a nível nacional e integra a seleção nacional. O atleta está no OGC há cerca de 10 anos e integrou a Academia de Golfe desde o início.

Jogador da antiga escola de golfe, teve como treinador Eduardo Maganinho e na academia passou a ter Miguel Valença como técnico. Viveu, por isso, as duas realidades.

“A academia foi uma experiência completamente diferente da que tinha. A grande vantagem foi o facto de os treinos passarem a ser individuais e diários. Isto trouxe para os jogadores muitas coisas boas para a evolução individual”, diz Vasco Alves.

O jogador reconhece que “a Academia de Golfe é uma mais-valia” e, por isso, aconselha os jovens a experimentar o golfe ali. “Há lá muitas crianças e jovens, dos 10 aos 23 anos. Os mais pequenos têm o privilégio de poderem aprender com os mais velhos e mais experientes. Há um ambiente extraordinário e propício a

este convívio desportivo, o que é de salutar”, evidencia Vasco Alves.

“Os mais pequenitos adoram jogar com os mais velhos e nós estamos sempre prontos a ajudá-los”, diz o atleta internacional do OGC.

Vasco Alves tem 23 anos e é o jogador mais velho da Academia de Golfe, fazendo parte da equipa de homens do clube. “Na maior parte dos torneios participamos a nível individual, mas há, também, um tra-



A academia foi uma experiência completamente diferente da que tinha. A grande vantagem foi o facto de os treinos passarem a ser individuais e diários. Isto trouxe para os jogadores muitas coisas boas para a evolução individual

VASCO ALVES, JOGADOR

balho de equipa, coordenado com o treinador e essas conquistas coletivas também nos fazem sentir orgulhosos, sobretudo porque estamos a representar o OGC”, afirma o atleta que conquistou três campeonatos nacionais de clubes consecutivos.

“O OGC é uma grande referência a nível nacional e isto deixa-me orgulhoso”, evidencia o atleta que vê que o trabalho desta academia está a ser reconhecido e está a ter o prestígio que condiz com o nome e os pergaminhos do clube.

Integrar a seleção nacional graças ao trabalho na academia

Miguel Cardoso tem 21 anos e veio para a Academia de Golfe do Oporto com o treinador Miguel Valença. O jovem golfista faz todos os dias o percurso de sua casa, em Paredes, até Espinho, para poder treinar.

“Já tinha trabalhado com o Miguel Valença em Paredes e um ano depois de ele ter vindo para o OGC vim ter com ele. Encontrei aqui, além de um treinador excelente, que já conhecia, melhores condições de treino”, explica o jovem que também é um dos golfistas do Oporto que integram a seleção nacional. “Vim para a Academia de Golfe para adquirir mais conhecimentos”, acrescenta.

A escolha do clube também se deveu ao facto de se tratar do “clube de golfe mais antigo da Península Ibérica e um dos mais antigos da

Europa. Basta olhar para o palmarés e para o conjunto de grandes jogadores que passaram por este clube para perceber que estava a entrar no caminho certo”, afirma.

O jovem jogador já pratica golfe desde os sete anos de idade. “A minha irmã jogava golfe e o meu pai decidiu inscrever-me também na modalidade, em Amarante. Foi desde essa altura que comecei a jogar”, recorda o atleta.

Miguel Cardoso não destaca as condições de trabalho da Academia de Golfe porque, na sua opinião, são “indiscutivelmente muito boas, mas aquilo que mais evidencia é o trabalho que é feito em grupo na academia”. “É como se fosse uma família, unida”, salienta. “É isto que distingue, substancialmente, a Academia de Golfe do OGC de todas as outras”, acrescenta o jovem atleta internacional.

“Quero continuar a crescer enquanto jogador amador”, afirma Miguel Cardoso que ainda não sabe como irá ser o futuro na modalidade. “Quero desfrutar do trabalho que estou a realizar nesta academia e, acima de tudo, aprender”, afirma.

Miguel foi chamado este ano (em janeiro passado) aos trabalhos da seleção nacional e reconhece que o percurso nesta academia foi “fundamental” para isso. “Este era um sonho que tinha desde miúdo e que agora vi concretizado”, conclui o atleta. ●



© SARA FERREIRA

“Nunca trabalhei no SC Espinho para ganhar dinheiro, não era isso que me punha a comida na mesa”

Filó, ou melhor, Filipe Rocha no mundo profissional de futebol, é um filho da terra que jogou no SC Espinho nos seus tempos áureos. Recorda a sua vida no futebol, desde os treinos divertidos, mas duros de Quinito, à quase subida de divisão em 2011/2012 já como treinador dos tigres.

GONÇALO RIBEIRO

Quando é que começou a praticar desporto?

Comecei por praticar ginástica no SC Espinho. O meu pai esteve ligado ao desporto e sempre achou que a ginástica seria uma boa modalidade para o meu desenvolvimento e das minhas duas irmãs. Ele tinha uma visão fora do comum para a altura e a verdade é que isso ajudou-me na coordenação e a nível de noção espacial, além de desenvolver outras capacidades. Comecei aí, mas já gostava e tinha vontade de jogar futebol.

Quando é que dá os primeiros remates no futebol?

Entre relativamente tarde no futebol, com 13 anos, depois de me desinteressar um pouco da ginástica, porque as condições da modalidade tinham piorado. Assistíamos a muitos treinos de voleibol, andebol e futebol das camadas jovens no antigo campo do Vizelinha. A formação de futebol do SC Espinho conseguiu formar muitos jogadores, que chegaram a competir na Primeira e Segunda Liga, sem ter um único campo de treinos. Treinávamos no campo do Rio Largo e no Vizelinha na maior parte das vezes. Não era fácil, não me lembro de fazer um treino num campo de 11 em que eu treinasse algum aspeto tático, só fazíamos jogos. Não tínhamos espaço para treinar uma possa de bola reduzida ou uma finalização, não havia condições. Costumo dizer que é um autêntico milagre que alguns jogadores das camadas jovens do SC Espinho tenham jogado na Primeira e Segunda Liga, como o Cardoso, Pedro, Rui Ferreira ou mesmo eu. Chegar às principais divisões nacionais com as condições que tínhamos não foi fácil, mesmo que os treinadores fizessem o seu melhor.

Não havia condições mas existia muita força de vontade...

Valorizo muito o facto de ter conseguido chegar aos grandes patamares. Cada vez me convenço mais de que a vontade de ser alguém, de querer vencer e nunca desistir, é muito importante. Tínhamos uma vontade enorme de chegar o mais longe possível e foi isso que aconteceu. Acabei por abdicar de muita coisa e até prejudiquei um pouco a

carreira futebolística em detrimento dos estudos. Houve anos em que pus os estudos à frente do futebol.

Arrepende-se disso?

Não, acho que tive muita lucidez nesse momento. É algo que vem um pouco da educação que o meu pai me deu. Nunca me pressionou para nada e priorizou sempre os meus estudos. Até cheguei a ter uma proposta do SC Espinho para fazer um contrato profissional, enquanto era júnior e o meu pai recusou. Entretanto ele faleceu, eventualmente assinei um contrato profissional, mas nunca descobrei os estudos e acabei por me licenciar em Educação Física. Lembro-me que, no ano em que subimos de divisão com o Quinito, ia sempre de comboio, a correr, para os treinos, com as lacunas que o clube tinha, como já referi. Lembro-me de ficar pasmado por termos subido de divisão nessa época e construído uma equipa tão forte com as condições que tínhamos, além de termos eliminado o Vitória SC e o Desportivo de Chaves da Taça de Portugal. A equipa jogava um futebol maravilhoso, foi das melhores em que joguei e as condições eram o que eram. Quem vê futebol não sabe quais são as condições em que as pessoas trabalham, não estão minimamente a par nem vão desculpar ou facilitar a crítica. O adepto liga ao jogo que vê. No SC Espinho, as condições foram sempre estas.

É uma realidade que se estende até hoje?

Exatamente. Recordo-me de voltar como treinador para o SC Espinho, em 2010, depois do falecimento do António Jesus, ver o campo relvado, o Vizelinha “ervado” e o relvado sintético do outrora chamado “O Diploma”. O relvado não estava em boas condições, por isso falei com o diretor desportivo da altura, o Pedrosa, e fizemos uma mudança constante de pisos, algo muito arriscado. Treinávamos muitas vezes no sintético, algumas no relvado se existissem condições, e outras no Vizelinha. Nesse ano acabamos por ter bons resultados, conseguimos ficar em sétimo lugar, talvez por ter alguma sorte com a falta de lesões. No ano seguinte, quando o orçamento baixou e o nosso objetivo passava pela manutenção, consegui-

mos estar em primeiro lugar a quatro jornadas do fim, mas as condições eram estas, era uma luta constante.

É a velha história de fazer omeletes sem ovos...

Sempre defendi, e vou manter sempre esta posição, que os jogadores deviam ter sempre as mínimas condições para desempenhar o seu trabalho. Apesar das nossas limitações, os adeptos do SC Espinho reconheciam qualidade, enchiam o estádio, iam ver o jogo com entusiasmo e sempre foi isso que foi cultivado no clube. Além de tudo isto, tínhamos um orçamento de clube amador, mas um horário de profissional. Sempre disse aos dirigentes que não podia pagar 200 ou 300 euros a um jogador para vir treinar de manhã e de tarde. As pessoas iam viver de quê? Quando saí do clube, tinha oito meses de salários em atraso dos dezasseis em que treinei. Tive de pagar 500 euros do meu bolso para inscrever um guarda-redes. Tudo isto era demonstrativo da situação da altura. As dívidas eram muitas, as penhoras eram constantes, quem estava à frente do clube não tinha a mínima hipótese de pagar aos funcionários.

Foi por isso que saiu?

Sim, apesar de alguma injustiça nas críticas de uma franja de adeptos, foi claramente essa a situação que nos levou a sair. Entramos no clube quando estava em último lugar, acabamos em sétimo. Na época seguinte, o objetivo era a manutenção e no final da primeira volta conseguimos 33 pontos, dez vitórias e três empates. A manutenção estava garantida, continuamos até que surgiram dois convites: um do Santa Clara, da Segunda Liga, que não



©SARA FERREIRA



Quando saí do clube, tinha oito meses de salários em atraso dos dezasseis em que treinei. Tive de pagar 500 euros do meu bolso para inscrever um guarda-redes”

aceitei, e outro da Naval, que acabou por não se concretizar. Todo este desgaste que sofremos, equipa técnica e jogadores, foi difícil de gerir, passámos por muito. Até chegamos a angariar patrocínios, íamos afixar telas na parede do pavilhão. É bom que as pessoas saibam disso, muita gente criticou a nossa saída sem saber metade do que se passou. A juntar a tudo isto, a situação dos salários em atraso e da falta de 500 euros para inscrever um guarda-

redes, porque o principal se tinha lesionado, que resultou no meu pagamento dessa quantia, quando nem sequer recebia. Batemos no fundo e há limites para tudo. Sei que houve presidentes que gastaram muito dinheiro com o clube, não critico isso, mas se calhar houve outras pessoas que podiam ajudar e não o fizeram. Por tudo isto, chegámos a uma conclusão que estávamos a lutar contra tudo e contra todos. Além de lutar contra adversários muito fortes como o Boavista, Operário dos Açores ou Tondela, tínhamos as condições que já mencionei. Não podia exigir mais dos jogadores. Chegaram a ter quatro meses de salários em atraso, e nós, equipa técnica, cinco, porque pusemos os interesses dos jogadores à frente dos nossos. Nós vivíamos todos aqui perto, não tínhamos essa despesa ao contrário dos jogadores. Nunca trabalhei no SC Espinho para ganhar dinheiro, não era isso que me colocava a comida na mesa. Aceitamos o trabalho porque o clube diz-nos muito, mas não podemos treinar e ser mecenas do clube. Senti-



A formação de futebol do SC Espinho conseguiu formar muitos jogadores, que chegaram a competir na Primeira e Segunda Liga, sem ter um único campo de treinos”

mos que havia pouca vontade de colocar o SC Espinho nos grandes palcos, porque isso exigia um investimento muito grande.

E olhando agora para o presente, que análise faz da situação do clube?

Vejo tudo isto com alguma tristeza, como é normal. O clube tem um grande historial em todas as modalidades e pode ser um dos melhores do país. Já o foi, quando conseguiu o sexto lugar na Primeira Liga, vários campeo-

atos nacionais de voleibol e já teve muitas equipas fortes no andebol. Todos os atletas que saem, recordam o clube com saudade, o que é sinal de que o ambiente era saudável. As pessoas gostavam da cidade, do clube e dos adeptos. Temos uma massa adepta bairrista e vareira, que apoia e puxa pela equipa. Isso também é um trunfo que por vezes passa despercebido. É com pena que vejo que o clube ainda não tem um estádio para poder treinar e jogar. O futebol está muito debilitado. As pessoas que estão à frente do clube percebem que é muito difícil fazer melhor com aquilo que se tem.

Voltando ao passado, jogou como defesa central. Inspirou-se em algum jogador para escolher a posição?

Não, até tinha começado como médio centro na formação. O Quinito experimentou-me a médio, o Manuel José é que me colocou a central, porque ele jogava num sistema de três centrais, algo que agora está mais em voga. O Manuel José teve a coragem de apostar em mim numa fase importante do

clube e estou muito agradecido por isso pois não é qualquer treinador que tem essa capacidade. Aos poucos fui entrando na equipa, até tinha sido chamado aos treinos da seleção sub-20, aquela equipa fortíssima que ganhou a final do Mundial ao Brasil, em Lisboa. Desde cedo percebi que aquela equipa era forte e poderia ganhar a prova. Relativamente à minha posição, fui me adaptando à posição e ao sistema, apesar de ter umas pequenas sensações do que seria jogar a central quando estava na formação. Eventualmente, entendi que seria mais benéfico ser central por causa das minhas características. Se calhar até estava errado, se fosse no futebol de hoje a minha escolha seria diferente. As pessoas podem pensar que não, mas o futebol evoluiu muito. No meu tempo, vivia-se muito de marcações individuais, tínhamos um médio como adversário e tínhamos de o acompanhar. Se jogo como “6” e apanho um “10”, tenho de ir atrás dele para todo lado. Lembro-me de marcar o Balakov em Alvalade e andava sempre atrás dele. Hoje em dia não é assim. Joga-se muito mais à zona, há um posicionamento mais racional e o desgaste físico é menor. De qualquer forma, acabei por escolher jogar a central, olhava para o Aloísio para tentar perceber o que poderia fazer e fiz a minha carreira nessa posição.

Foi colega e jogou ao lado de muitos crques. Como é que foi partilhar o balneário com o N´Kongolo, por exemplo?

O N´Kongolo e o Ivan foram os meus dois melhores amigos nesse ano, em que subi-mos de divisão. O N´Kongolo já tinha estado no FC Porto



**CASARÃO
EMIGRANTE**
CAFÉ · RESTAURANTE





**Casamentos,
Comunhões
Baptizados,
Convívios
Eventos**

📍 Praia de Paramos, 94,
4500-510 Paramos – Espinho

☎ 22 734 4001
✉ casaraoemigrante@gmail.com
📍 /Restaurante Casarão do Emigrante

*Desejo de uma Páscoa
feliz a todos os clientes
e amigos*



e eu estava no meu segundo ano de sénior, era um miúdo. Ter uma relação tão boa com essas duas figuras foi muito bom e é demonstrativo da humildade de cada um, só assim é que poderíamos passar cartão a um miúdo como eu. Não eram o tipo de pessoas que falavam com alguém porque era famoso, falavam com toda a gente da mesma maneira. Isso fez com que eu tivesse a mesma postura quando fui capitão do SC Espinho. Gostava muito que os miúdos que viessem dos juniores se sentissem integrados, tentava ao máximo protegê-los e estar com eles.

Para um filho da terra e jogador do plantel, a subida de divisão em 91/92 foi o melhor momento do clube, no que diz respeito ao futebol?

Sim, a juntar a um sexto lugar que tinha sido conseguido, no primeiro ano do Ivan. Depois temos esse momento da subida de divisão e estou convencido que o clube não se mantém, no ano seguinte, porque perde os três jogadores que mais desequilibravam, o Zé Albano, o Ivan e o Zezé Gomes. De qualquer modo, obviamente que a subida foi uma alegria enorme. Lembro-me da festa que se fez, foi uma imagem que me marcou e que me fez querer regressar ao SC Espinho como treinador. Esta cidade gosta, vibra e sofre com futebol e sabe dar valor a quem se dedica. É uma pena que o clube não esteja perto desses patamares, porque acho que tem todas as condições para andar na Segunda Liga, no mínimo.

Foi o seu melhor momento da carreira de jogador?

Não, penso que o melhor momento foi quando estive no Paços de Ferreira e no Penafiel. Poder ter jogado três anos na Primeira Liga terá sido a melhor fase da minha carreira. Foram bons anos, quando conseguimos estar na Primeira com o Espinho, que guardo com muito alegria e saudade, mas, agora, resta tentar voltar a esses patamares como treinador.

O Quinito foi o treinador que mais o marcou?

Marcou em alguns aspetos. Para mim, todos os treinadores foram marcantes. Não tento ser igual a nenhum, porque tenho uma personalidade própria, nunca seria um Quinito, apesar de usar algumas estratégias que ele usava. Não poderia ser um Manuel José, que teve uma coragem imensa a lançar jovens. Retiro o melhor de cada um. A coragem do Manuel e do Adelino Teixeira, a descontração do Quinito, a exigência do José Mota, a inteligência do Luís Campos, a capacidade de treino do Carlos Carvalhal, as aprendizagens do jogo do Vítor Pereira... tento ser uma mescla de tudo. Fala-se muitas vezes do Quinito porque é mais fácil falar do sucesso, até podemos ter feito muita asneira, mas quando corre bem, tudo se perdoa. Parece que tudo foi bem feito, mas não foi. Se fossemos analisar os treinos do Quinito, ficaríamos sem saber como é que subimos de divisão. A nível metodológico não há explicação, é um caso de estudo. Subimos banca-

das enquanto se jogava um sete contra sete no campo, porque não havia condições para mais. O Quinito teve de ser forçosamente criativo, tivemos coisas extraordinárias no treino. Algo que cheguei a fazer como treinador, apesar de já não o fazer, era o jogo dos cabeçudos, que era o jogo de sábado do Quinito. Não tínhamos espaço para treinar, excluindo o campo que não queríamos estragar, antes dos jogos, então tínhamos de jogar no Vizelinha, local onde me lembro de ver o Mikey Walsh treinar. O jogo era sempre feito na véspera dos jogos, envolvia duas balizas, só se podia marcar de cabeça e havia uma componente de wrestling, nem sei como é que ninguém se lesionou. Partiram-se dentes e abriram-se cabeças, mas nada de extraordinário. Havia empurrões, cotoveladas, pés no ar, o que não havia era faltas, valia tudo.

Sempre teve o desejo de acabar a carreira no SC Espinho?

Não foi bem isso que me moveu, na altura até tinha assinado com o Salgueiros, mas acabou por não acontecer. Não vim logo para o SC Espinho porque achei que o plantel que estava a ser construído não ia pelo bom caminho, havia muitas dificuldades. Gosto muito de representar a minha terra, mas para vir para aqui tinha de ser para ganhar, porque sei o quanto custa andar no futebol. Por muito que se diga o contrário, este desporto é para ganhar, como todos os outros. Se fizermos as coisas bem feitas, vamos ganhar muito mais, o ano vai passar facilmente, vai correr tudo bem e o ambiente vai ser agradável. Caso contrário, vamos estar o ano todos com maus resultados e mau ambiente e nunca

Era um jogo de futebol normal, mas sem faltas?

Só se houvesse uma patada ou uma rasteira. Mais depressa era falta uma rasteira do que uma cotovelada. O jogo só parava quando a bola ia para a rua. O Quinito gostava daquilo, sentava-se e ria-se a ver o jogo, queria ver porrada, até porque achava que o plantel do Espinho era "macio". Chegou a haver cenas de porrada, algumas muito engraçadas. Numa dessas cenas, os jogadores estavam a tentar separar dois colegas

e o Quinito começou a dizer "Parem, parem, parem! Ninguém se mete! Querem andar à porrada? Siga. Parem quando estiverem cansados". Parecia hóquei no gelo, mas sem as proteções. Estas histórias são surreais, ainda para mais, na véspera de um jogo. Aprendi algumas coisas com o jogo dos cabeçudos. Como central, tenho de ter um jogo aéreo forte e aprendi a jogar ali. Aprendi a usar o corpo, ganhar posição e desequilibrar o adversário sem tocar nele. Há ali muitas situações que não se trabalham num treino normal, como a ratice.

Tem algum objetivo específico para a carreira de treinador?

Continuo a ambicionar chegar a um lugar alto, mas da maneira como vejo o futebol neste momento, quero é treinar num local onde me sinta realizado e ouvido. Acredito muito no nosso trabalho, acho que somos capazes de surpreender. Por vezes não somos capazes porque não somos ouvidos. Se calhar foi esse o segredo do Espinho na altura, tinha bons treinadores e bons dirigentes. O Padrão foi um grande dirigente, como o Engenheiro Maia e o Ilídio, nenhum deles foi dirigente por interesse próprio. Deram muito mais ao Espinho do que vice-versa. Hoje em dia não é assim. É difícil arranjar dirigentes, agora existem os investidores, que metem o seu interesse à frente dos do clube. Metem os interesses empresariais à frente dos interesses desportivos, assim é muito mais difícil ter sucesso.

quis levar com isso, sendo de Espinho. Quando as coisas correm mal é sempre assim e custa-nos mais porque somos da terra. Chega um ponto em que nem nos apetece ir à rua.

Tem algum objetivo específico para a carreira de treinador?

Continuo a ambicionar chegar a um lugar alto, mas da maneira como vejo o futebol neste momento, quero é treinar num local onde me sinta realizado e ouvido. Acredito muito no nosso trabalho, acho que somos capazes de surpreender. Por vezes não somos capazes porque não somos ouvidos. Se calhar foi esse o segredo do Espinho na altura, tinha bons treinadores e bons dirigentes. O Padrão foi um grande dirigente, como o Engenheiro Maia e o Ilídio, nenhum deles foi dirigente por interesse próprio. Deram muito mais ao Espinho do que vice-versa. Hoje em dia não é assim. É difícil arranjar dirigentes, agora existem os investidores, que metem o seu interesse à frente dos do clube. Metem os interesses empresariais à frente dos interesses desportivos, assim é muito mais difícil ter sucesso.

Voltará ao ativo em 2023/2024?

Espero bem que sim, espero que consigamos encontrar um projeto onde nos sintamos bem. Como disse, está cada vez mais difícil, há um

grupo de investidores, que por norma, tem o seu grupo de trabalho de confiança. Neste momento, nada me surpreende, até costume dizer que troca de treinadores como se troca de cuecas. O espaço para a contratação de treinadores que podem alcançar os objetivos propostos está cada vez mais reduzido. Os clubes agora são empresas, o campeonato nacional podia ser um campeonato de agências, mas isto não é só em Portugal. Temos de fazer um esforço para combater isso. Perdemos uma oportunidade de ouro para equilibrar as coisas, que os clubes desperdiçaram, que era a centralização dos direitos televisivos. Houve dois clubes que quebraram isso, intencionalmente, e isso custa muito dinheiro a muita gente, sobretudo aos clubes mais pequenos, que podiam ter verbas superiores, mas cederam a interesses superiores.

Espinho celebra 50 anos como cidade, que diferenças é que notou na cidade desde que começou a jogar?

Temos uma grande alteração que é a saída do caminho de ferro. Acho que finalmente estamos a ter um espaço cuidado. Sabemos que Espinho sempre foi uma cidade turística, que atrai muita gente, sobretudo nesta altura do verão. Penso que o estacionamento pago afastou alguns turistas, apesar de termos boas condições para receber. Há praias muito boas, espaços cada vez mais bem qualificados e preparados, a cidade está mais renovada. Também tivemos uma política de grandes infraestruturas que agora começa a pesar um pouco, apesar da ideia ser positiva para a cidade. Tudo isto é bom, mas exige uma manutenção, que por vezes não é fácil. Precisamos de ter uma cidade com dinâmica, acho que a vida noturna se perdeu um bocadinho. Parecemos aquela "cidade-dormitório" do Porto, em que as pessoas trabalham lá e dormem cá. Uma coisa que gosto em Espinho é o facto de não termos um shopping, temos um shopping ao ar livre que são as ruas 19 e 23, que é uma espécie de "Freeport". Os comerciantes precisam de estar salvaguardados, de alguma forma, dessa concorrência, porque temos lojas com muita qualidade. ●



ESCOLAS DE DANÇA



© SARA FERREIRA

Uma viagem à volta da dança

Cidade de desporto, Espinho há muito que deixou de ser apenas um pequeno paraíso do voleibol, do golfe ou do futebol. No dobrar de cada esquina, encontram-se sons, ritmos, gestos e pequenas multidões que transparecem uma outra realidade. É inegável que a dança está cada vez mais enraizada e a prova é que há cada vez mais praticantes, transformando-a numa modalidade em constante crescimento.

LISANDRA VALQUARESMA

EM CADA SALA DE AULA, há alegria, trabalho, exigência e também muita diversão. Os estilos são muitos e diversificados. Tanto há lugar para as danças urbanas, para os movimentos quentes e sensuais das danças de salão, como também para o clássico, com destaque para o ballet e o contemporâneo.

Na Escola de Ballet Isabel Lourenço, fundada há quase 25 anos, trabalha-se a exigência do ballet, um estilo bem conhecido do grande público, sobretudo pela beleza e dificuldade dos movimentos. Apesar de serem as camadas mais jovens as predominantes a aprenderem, a escola oferece também a possibilidade de aulas de ballet para adultos.

Atualmente com cerca de 70 alunos, Isabel Lourenço, que sempre dedicou a vida à dança, ensina várias crianças e jovens, procurando sempre transmitir a paixão que os une. “Entrei para o ballet aos 13 anos e aos 17, como era uma das alunas mais velhas da escola, a professora colocou-me a dar umas aulas. Comecei a ajudá-la e foi a partir daí que ganhei o gosto pelo ensino”, explica Isabel, confessando ser esse

o motivo que a levou a abrir a sua própria escola.

“Estive em Vale de Cambra durante seis anos e depois acabei por abrir um espaço em Espinho porque era onde vivia e queria estar. Fui para a rua 26, mas, algum tempo depois, a sala tornou-se pequena”, conta a professora de dança, que atualmente dá aulas num espaço do Museu Municipal de Espinho.

Habituada a trabalhar com turmas grandes, Isabel revela que a pandemia acabou por ser um pouco prejudicial para a modalidade, levando até à desistência de alguns praticantes. “Entram uns e saem outros, isso é normal, já nos adultos vai variando muito. Já tive turmas maiores, hoje tenho nove pessoas, mas os que tenho são assíduos”, diz, orgulhosa.

Sofia Silva, de 19 anos, pertence a um daqueles acasos do destino que acabam por ter um final feliz. Dança na Escola de Ballet Isabel Lourenço há 15 anos, mas só entrou devido a uma indicação médica que, hoje, constata, lhe mudou o caminho. “Tinha um problema nos joelhos e o ortopedista recomendou que fizesse ballet. A minha mãe inscreveu-me e a verdade é que acabei por me

apaixonar completamente”, confessa, admitindo que desconhecia por completo a modalidade.

“Nem sabia sequer o que era o ballet quando entrei. Caí aqui na escola sem saber para o que vinha e foi o encontro perfeito. Já danço há vários anos e gostava muito de continuar no futuro. Sinceramente, não me vejo sem isto e acho que é uma coisa que me vai acompanhar sempre ao longo da minha vida”, garante Sofia, habituada a partilhar o palco com João Azevedo, de 14 anos.

O jovem entrou na escola bem pequenino e por lá continua, apesar de não saber ainda bem se é algo que vai trilhar o seu futuro. “Sempre gostei de dançar e recordo-me que quando entrei gostei muito. No entanto, ainda não sei bem como vai ser daqui a uns anos, mas acho que a dança vai fazer parte, de alguma forma, na minha vida”, diz João.

GAD renasce com ensinamentos de Conchita Ramirez

Um universo de 270 alunos compõe atualmente a alma da GAD – Giselle Academia de Dança. A escola, situada na Rua das Fábricas, na zona industrial, é mais um palco que Espi-

nho apresenta, acolhendo grandes paixões e ambições.

O projeto, que começou em 1981 com a criação da escola pela bailarina Conchita Ramirez, tem hoje um conceito diferente, estando nas mãos da filha, Eva Ramirez e de Carolina Freire, professoras de dança e diretoras da academia.

Com um percurso de vários anos, Carolina aprendeu a dançar, sem nunca largar a veia artística. Apesar de ter realizado o curso de psicologia, foi a dança a vencer e garante não se arrepender. Já Eva, parece que o destino lhe estava traçado.

Hoje, em conjunto, comandam a GAD, numa instalação remodelada, para onde se mudaram em 2020. “Quando começamos algo novo queremos sempre um bocadinho mais, queremos sempre o melhor e avançamos neste projeto com cautela, mas a ideia foi sempre a de criar algo deste género”, conta Carolina, explicando que a escola oferece várias modalidades, fazendo com que apresente um “carisma de academia”.

Olhando para o passado, Eva não esconde que “há uma transição que custa quando se passa de bailarina a professora”, mas ressalva que aquilo



© FRANCISCO AZEVEDO



© FRANCISCO AZEVEDO

“Éramos meia dúzia no início e, entretanto, começou a crescer e chegamos a ser mais de 100” **Marta Oliveira**

que hoje pode passar aos seus alunos tem muita importância. “Acho que este papel é extremamente gratificante porque os alunos também nos dão e nos alimentam. Nós, professores, também aprendemos muito com eles”.

Da mesma forma, Carolina Freire afirma que a dança vai fazer sempre parte do seu caminho, mas de formas diferentes. “Quando era mais nova dançava e adorava o palco, mas a vida vai-se encarregando de nos levar para outros caminhos. E o facto de ser professora, só me faz muito feliz por ver os alunos em cima do palco e a perceber o quanto os nossos ensinamentos os fizeram estar ali. É uma realização muito grande porque eles são um orgulho para nós”, admite a professora.

No entanto, o papel de ensinar exige mais do que ensinamentos técnicos. Gerir as frustrações de alguns alunos e encaminhar para a melhor opção faz parte do dia a dia de Eva e Carolina. “O ballet clássico, por exemplo, requer corpo e características físicas um bocadinho fora da média. Além de todo o trabalho que eles possam fazer, há sempre cedências que o corpo não faz, mas que no ballet clássico são obrigatórias, isto quando se quer avançar e chegar a profissional. E aí temos, como professoras, que gerir isso, explicar ao aluno, mas mostrando-lhe

outras opções porque a partir do momento em que a técnica é forte, qualquer outra dança é viável. O contemporâneo, por exemplo, não pede corpos”, esclarece.

Maria Miguel é um desses exemplos. Dança ballet na GAD há seis anos e acabou confrontada com as incompatibilidades corporais que a modalidade obriga. “Danço desde pequena, faço ballet clássico e recordo-me que quando andava no quarto ano disse à minha mãe que queria mesmo seguir a dança. Hoje não tenho tanto a ideia do clássico porque sei que o meu corpo não é viável para isso, uma vez que tenho algumas falhas corporais, mas que podem ser uma mais valia em outros estilos, como, por exemplo, no contemporâneo e no jazz”, admite a bailarina, confessando que “não é fácil ultrapassar isso”, mas “é um percurso que se tem que percorrer mentalmente”.

Perante esta realidade e, de forma a dar outras respostas aos alunos, Carolina explica que foram integradas mais modalidades na academia, procurando transmitir ainda mais ferramentas. “A Maria, por exemplo, faz o clássico, contemporâneo, jazz e ainda capoeira, pois foi uma modalidade que integramos porque entendemos que tem uma série de valências que poderão servir para o futuro, o que é uma mais valia mui-

to grande”, garante a professora.

Há mais de 50 anos a ensinar a dançar

Ainda no mundo do clássico, outra das grandes referências de Espinho é a Escola de Bailado e Artes Adriana Domingues, fundada em 1971.

Situada na rua 39, a escola deu os primeiros passos devido à paixão da sua fundadora que ainda hoje, aos 75 anos, continua a ensinar. “Nasci no Porto e comecei a praticar ginástica com três anos, mas mais tarde vim para Espinho para dar aulas de ballet na Academia de Música de Espinho e acabei por ficar”, recorda Adriana, explicando que foi também o apoio que recebeu do marido que tornou o sonho possível.

Apaixonada pelo que faz, a fundadora da escola pretende continuar aquela que considera como “uma peregrinação” enquanto houver “saúde e energia”, mas não deixa de lado o reconhecimento que sente pelo percurso realizado. “Olho para a carreira com muita alegria e agradeço aos pais e alunos que me escolheram para fazer o percurso com eles. Penso que todos nós somos chamados a partilhar as nossas vocações e tive a felicidade de poder partilhar com os meus alunos o amor pela dança, que sempre me realizou e me dá muita alegria”, diz.

Apesar de ser a grande referência da escola, Adriana conta, desde 1995, com uma ajuda muito especial. O projeto tornou-se ainda mais especial com a entrada em cena da filha. Magda Domingues seguiu as pisadas da mãe e hoje é também professora de dança. “Entrei para a escola muito nova porque comecei a aprender aos três anos com a minha mãe e aos 17 já a estava a apoiar na escola. Mais tarde, comecei a dar aulas de forma mais séria e estou aqui até hoje”, recorda, admitindo que até podia ter escolhido outro caminho, mas a ligação às artes é uma paixão que não consegue virar costas. “Adorava fazer espetáculos, pois era onde me sentia bem”, revela.

Mas será que é fácil trabalhar em conjunto? A resposta é rápida. “Nem sempre”, atira Magda. No entanto, admite que viu na mãe a sua maior referência na dança, assumindo sempre o papel de a ensinar. Já para Adriana, mãe e filha têm uma vantagem que muitos podem não conseguir. “Temos, em comum, o curso de belas artes, de maneira que isso na parte estética e na montagem de

espetáculos ajuda muito”, explica.

Atualmente com 150 alunos, a Escola de Artes e Bailado Adriana Domingues teve uma reformulação em 2013 com a entrada de novas modalidades. A par do ballet, agora o espaço acolhe também danças de salão e é aí que aparece outro nome forte do mundo da dança na cidade.

Da competição ao ensino

Ana Pais Oliveira é considerada como um dos grandes nomes das danças de salão em Espinho. Começou a dançar aos 16 anos e hoje está à frente da Academia de Dança de Espinho, que criou em 2010, juntamente com o marido Vasco Rigolet.

Apesar de terem iniciado as aulas em 2002, em Nogueira da Regedoura, a criação da escola só aconteceu mais tarde, com a dinamização das aulas em vários espaços da cidade. “Estamos à frente da secção de dança desportiva do SC Espinho, mas também damos aulas na Escola de Bailado e Artes Adriana Domingues e no auditório da Nascente”, explica a professora, dizendo que acaba por



© ISABEL FAUSTINO



© ISABEL FAUSTINO

“Posso dizer que não há um minuto em que o meu pensamento não esteja com a dança” **Patrícia Calado**



© SARA FERREIRA



© SARA FERREIRA

“Muitos alunos vêm a pensar que isto é outra coisa ou então que já entram e vão fazer pontas porque viram nos filmes” Isabel Lourenço

se traduzir numa “dinâmica interessante”, mas não a forma ideal.

“Já são muitos anos a ensinar dança, mas nunca tivemos o nosso espaço. É um sonho um dia poder tê-lo, mas é um pouco complicado e em Espinho é cada vez mais difícil. Temos um universo de 200 alunos entre nós os dois e, por isso, justificaria, mas como não queremos sair de Espinho vai-se adiando”, confessa.

Ana e Vasco começaram a dançar ainda na adolescência, entrando mais tarde no mundo das danças de salão por gostarem da modalidade e por ser “muito rica artisticamente”. Da prática descontraída à competição não demorou muito e Ana Pais

Oliveira afirma que “foi um processo muito natural que originou a situação atual”.

Depois de terem atingido o escalão máximo da modalidade e terem feito parte da competição federada durante dez anos, o casal achou que tinha chegado a hora de transmitir os seus conhecimentos.

Atualmente, com alunos com idades compreendidas entre os 5 e os 78, a escola oferece diversas modalidades. “Temos danças de salão para casais, o latin fit que é uma modalidade muito concorrida pelas mulheres, onde trabalhamos vários ritmos latinos como o samba, o cha cha cha, o jive, a salva, ou seja, ritmos que permitem um maior

desgaste calórico. Trata-se de uma modalidade que, para além de ser muito divertida e que proporciona um convívio muito bom, tem uma parte cardiovascular forte”, explica Ana Pais Oliveira, não esquecendo outras tantas como as danças de salão para crianças, as aulas de dança para noivos ou o latin girls e o latin mens, mas também o latin fit senior ladies, “uma modalidade interessante porque é para senhoras entre os 50 e os 60 anos”.

Explicando que há muitas pessoas que procuram as aulas para se divertirem, a professora refere ainda que “há quem as procure para ter um tempo de qualidade em casal, pois essas pessoas só querem vivenciar a experiência e não pensar em mais nada”.

Confidenciando que tem alunos que a acompanham há 12 anos, Ana afirma que essa continuidade “é o melhor barómetro” do trabalho que fazem.

Adriana Castro tem 22 anos e dança na Academia de Dança de Espinho há vários anos. Com um percurso na modalidade que começou quando tinha 8, a jovem teve que mudar de direção e encontrar o seu estilo de eleição.

“Não estava a sentir-me realizada no local que frequentava e decidi experimentar as danças de salão. Foi aí que percebi que os vídeos que assistia há muito tempo eram de danças de salão e não do outro estilo que fazia. Vim experimentar uma aula e apaixonei-me. Sei que é um pouco clichê, mas a dança é um oxigénio para mim”, revela Adriana, explicando que, apesar de ter começado pelas turmas de exibição, há cinco anos conseguiu entrar no mundo da competição, apesar de isso trazer alguns sacrifícios. “Isso requer muita dedicação. Treinamos praticamente todos os dias, ao sábado o dia todo e depois temos ainda todos os custos associados que é um esforço financeiro grande”, admite.

André Silva tem 36 anos e só no ano passado entrou no universo da dança. Natural do Porto, foi em Espinho que descobriu a nova paixão. “Conheci a minha namorada e ela convenceu-me a vir experimentar uma aula de exibição. Vim a primeira vez em março e depois nunca mais saí”, recorda, confidenciando que o percurso está a ser uma surpresa.

“Comecei em março e, em novembro do ano passado, eu e a minha namorada, que é o meu par, fomos convidados pelos professores a iniciarmos dança de competição, o que correu muito bem porque em fevereiro fomos campeões nacionais e tem sido uma experiência muito boa”, conta o dançarino, admitindo ter há muito tempo uma admiração pela modalidade.

“Dancei algumas vezes, sozinho no quarto, porque sempre fui uma pessoa ligada ao desporto de alta

competição, mas a dança foi sempre um pouco o segredo que guardava e nunca tive formação. Agora, admito que, com 36 anos, começar a dançar danças de salão foi uma coisa que eu não estava à espera. Hoje olho para trás e percebo que é de facto possível”.

Com 11 anos, Gabriel Mendes é outros dos alunos que frequenta a Academia de Dança de Espinho. Decidiu experimentar a modalidade por experiência própria e diz que “a dança representa emoção e é cativante”, por isso tem o objetivo de continuar.

A dança sempre no pensamento

Patrícia Calado é professora de edu-

cação física, coordenadora da secção de ginástica do SCE e diretora artística da MTV Dance Academy, escola que fundou há mais dez anos.

Com um percurso muito ligado à dança, decidiu abrir um espaço em Espinho, sem qualquer receio pois considera-se “uma mulher de desafios”. Admite que começou “com poucas meninas”, mas hoje a MTV Dance já acolhe 200 alunos. “Os meus pais eram professores de educação física e a minha mãe sempre teve uma presença grande na dança, pelo que a minha infância foi sempre na modalidade. Depois de me casar, vim viver para Espinho e decidi abrir uma classe com aquilo que mais gosto, que é a paixão pela dança”, conta.



© SARA FERREIRA



© SARA FERREIRA

“Trata-se de uma modalidade que, para além de ser muito divertida e que proporciona um convívio muito bom, tem essa parte cardiovascular forte” Ana Pais Oliveira

“Posso dizer que não há um minuto em que o meu pensamento não esteja com a dança, apesar de ter outra profissão. Há muitas solicitações da parte das famílias, dos alunos e dos projetos que cada vez são mais”, refere a professora, explicando que as aulas que dá dividem-se entre o edifício da Junta de Freguesia de Espinho e uma sala localizada na rua 23.

“Algo que é muito gratificante para mim é ter conseguido, ao longo destes anos, passado a minha paixão para grande parte das alunas. Tenho algumas que estão comigo desde os cinco anos e hoje já estão na universidade e nunca deixaram a dança, dizendo sempre que querem que a modalidade faça parte da vida delas, apesar de terem outra profissão”, conta Patrícia, com orgulho, ex-



© SARA FERREIRA



“Acho que este papel é extremamente gratificante porque os alunos também nos dão e nos alimentam” **Eva Ramirez**



© SARA FERREIRA

plicando que a aluna mais nova tem apenas três anos e a mais velha 63.

Rafaela Ferreira, de 20 anos, é um dos exemplos de que se pode frequentar a mesma escola durante muito tempo. Entrou na MTV Dance Academy apenas com 6 e continuou até aos dias de hoje, tornando-se numa das professoras da escola.

Tendo a dança como uma característica “fundamental” na sua vida, Rafaela recorda que foi por intermédio de duas amigas de infância que se aventurou. “Vim experimentar e adorei, ficando até hoje. A dança é, sem dúvida, algo bastante importante na minha vida, pois é onde acabo por aliviar todo o stress do dia a dia e da faculdade. Chegou a determinado ponto em que me foi proposto, pela Patrícia, assegurar uma das classes da escola”, afirma a recém professora, admitindo que aceitou o convite com orgulho. “Foi muito positivo. Na altura, fiquei um pouco receosa, mas sabia perfeitamente que à primeira dificuldade tinha a Patrícia que me ia ajudar. No entanto, hoje acho que está a correr bem”.

Com apenas 15 anos, Leonor Silva é outra das aficionadas pela modalidade. Está na MTV Dance há oito anos, entrando numa altura em que ao assistir a um dos vários espetáculos se apaixonou. “Pedi aos meus pais para entrar e lembro-me perfeitamente que logo na primeira aula cheguei a casa contente a dizer aos meus pais que era mesmo aquilo que queria. Até hoje nunca pensei desistir, pois não tenho dúvidas de que é isto que gosto”, conclui.

Também há espaço para as danças urbanas

Foi há dez anos que, também em Espinho, nasceu a Royal Crew, uma escola de danças urbanas liderada por Marta Oliveira.

Com este espaço, foram abertas as portas para a prática de outros estilos como o Hip Hop, o Dance all e muito mais. Habituada a dançar, Marta começou por ensinar no Porto e em Gaia, mas quando surgiu a oportunidade de o fazer na sua cidade, a também cantora, não hesitou. “A Cooperativa Nascente estava à procura de um projeto diferente para pessoas mais jovens e foi aí que

“Penso que todos nós somos chamados a partilhar as nossas vocações e tive a felicidade de poder partilhar com os meus alunos este amor pela dança” **Adriana Domingues**

comecei a dar aulas em Espinho. Éramos meia dúzia no início e, entretanto, começou a crescer e chegamos a ser mais de 100”, recorda, explicando que isso fez com que as instalações começassem a ficar pequenas.

“De facto, cresceu tanto que a Royal Crew, há cerca de três anos, recebeu uma proposta da GAD – Giselle Academia de Dança para se juntar ao grupo”, começa por explicar Marta Oliveira, evidenciando que as suas aulas decorrem no mesmo edifício onde se situa a GAD, num formato de parceria.

Afirmando que todas as modalidades que ensina têm vários participantes, não esconde que é o Hip Hop e o Comercial a ganhar mais adeptos. No entanto, é o Break Dance que cativa mais o mundo masculino, notoriamente menos frequentador da dança.

“Tive que contratar mais professores porque a procura começou a crescer bastante, sobretudo os funky styles, como o Locking, o Popping e o Break Dance. No entanto, a verdade é que também ensinamos muita cultura porque, para nós, também não é só dançar. O Hip Hop, por exemplo, é acima de tudo uma cultura e tentamos explicar isso. Todos os estilos têm uma história por trás e nós procuramos ensinar porque acho que é importante para os alunos perceberem o porquê de estarem a fazer isto”, defende Marta Oliveira.

Aos 14 anos, Carolina Oliveira continua a fazer parte da Royal Crew. Entrou há sete anos por querer juntar outros estilos ao ballet, a modalidade que já dançava e que considerava muito séria. Encontrou no Hip Hop um estilo mais relaxado, admitindo que sempre conseguiu conciliar os dois estilos de forma fácil.

O que é preciso para saber dançar?

As respostas são semelhantes. Se há professoras que destacam a pai-

xão, outras falam em musicalidade. No entanto, a mente aberta para outras realidades é requisito quase obrigatório.

Segundo Isabel Lourenço, quem quer fazer ballet tem que gostar, obviamente, de ballet, mas é preciso saber dar tempo ao corpo. “Muitos alunos vêm a pensar que isto é outra coisa ou então que já entram e vão fazer pontas porque viram nos filmes, mas isso não acontece pois as competências vão-se adquirindo aos poucos”, esclarece.

Carolina Freire destaca a motivação. Defende que, para dançar “é necessário querer, pois tudo o resto vem”. “Claro que há corpos que estão mais habituados a determinados tipos de dança do que outros, mas ter vontade é o que é preciso. A base é sempre a motivação”, diz.

Já para Adriana e Magda Domingues, o essencial concentra-se em quatro características: coordenação, musicalidade, concentração e muito gosto pela dança, já que “é preciso gostar muito e aguentar o esforço físico e mental”.

Paixão e gosto no que se faz é aquilo que destaca Patrícia Calado. “Todas as outras valências são trabalhadas, desde o ritmo, à coordenação, à flexibilidade, à postura e até ao sorriso que, para mim, é fundamental. Só se consegue transmitir um sorriso e uma postura se, efetivamente, se estiver a sentir a música e a coreografia”.

Devido à sua experiência, Marta Oliveira explica que muitas pessoas acreditam que não têm jeito para dançar. No entanto, segundo a professora, essa é uma ideia errada. “Para mim, existem alguns fatores determinantes como sentir a musicalidade, ter sentimento, e gostar-se do que se está a fazer. Se tivermos isso, depois qualquer pessoa consegue melhorar”, encoraja. ●



opinião
Gonçalo Pina

Espinho e o marketing - há 124 anos concelho

Espinho teve o seu concelho criado em 1899, por desmembramento de Santa Maria da Feira. Espinho é cidade famosa pela sua centenária feira, gastronomia, várias possibilidades nas áreas do turismo e lazer, oferecendo aos seus visitantes um centro de talassoterapia, um dos cursos de golfe mais antigos da Península Ibérica, oito quilómetros de praia e ondas de classe mundial, um casino e alguns hotéis de qualidade reconhecida, quer na cidade como na preferência.

As cidades mundiais vivem um novo paradigma. O cenário é de profunda concorrência e as metodologias de gestão, que se julgavam exclusivas do sector empresarial, são adoptadas também por organizações sem fins exclusivamente lucrativos, como as cidades.

Actualmente, os gestores urbanos têm a plena consciência de que existe um leque de factores, em grande medida intangíveis, que devem ser manipulados em prol do desenvolvimento urbano. As cidades para adquirirem expressão política e económica devem ser geridas como se de produtos se tratasse, isto é, orientadas para o mercado. O desenvolvimento sustentado das cidades reside essencialmente na sua capacidade de criação de vantagens competitivas. Para tal, é cada vez mais comum as cidades recorrerem ao marketing e a todas as suas ferramentas, tal como as empresas, para conquistarem um posicionamento e garantirem, em última instância, melhor qualidade de vida aos seus cidadãos.

Quando poderes políticos, coletividades locais e serviços públicos começaram a recorrer ao marketing deram-lhe uma nova dimensão e amplitude. O marketing adquiriu novas formas e especializações que obrigaram a uma redefinição mais abrangente. As novas especializações do marketing originaram a reformulação de alguns conceitos.

Assim, em vez de clientes poder-se-á falar em públicos. Já não se trata exclusivamente de vender produtos, mas também de promover comportamentos. A rentabilidade deixou de ser o fim exclusivo para integrar-se como um dos muitos objetivos possíveis.

Quem perdeu foram os cidadãos, foi o município, os empresários, o país e os turistas que poderiam ser muitos mais, a visitarem a nossa 'grande' e linda cidade.

Identificar metas e objetivos pressupostos numa estratégia de marketing de uma cidade, e a forma como esses mesmos interagem com as necessidades e orientações políticas dos gestores urbanos, é também um ponto importante. O marketing das Cidades é uma abordagem científica na gestão urbana com interferência na vida dos cidadãos.

Assim, será o marketing propriedade das grandes cidades? Estarão os municípios portugueses sensibilizados para esta nova realidade global e terão reconhecido a importância de uma gestão urbana com base numa estratégia de marketing? Como será a abordagem ao marketing de uma pequena cidade de Portugal? Uma cidade como Espinho, terá condições e recursos para definir e seguir uma estratégia de marketing que traga benefícios óbvios aos seus cidadãos? Por acreditar que sim, dei o meu melhor na criação de uma marca forte, com dimensão internacional, com a responsabilidade de reposicionar ou posicionar Espinho, pois andou anos perdido e sem um posicionamento diferenciador.

Recursos naturais, eventos culturais e desportivos marcantes e de acordo com o posicionamento e estratégia de marketing da cidade

de são fatores primordiais para comunicar e colocar em prática a estratégia de marketing integrada.

Nestes tempos atuais conturbados, não se entende de todo o posicionamento que os atuais gestores municipais pretendem colocar à cidade. Este estado "esquizofrénico" dos recentes acontecimentos, de pura instabilidade, com cidadãos e empresas confrontados com a prisão do antigo presidente e as suspeitas sobre o antecessor, e com a marca Espinho repetidamente em prime time, pelas piores razões, não foi de todo abonatório para a imagem que estávamos a construir.

Neste momento, sem a clarificação da continuidade da estratégia de comunicação de marketing integrada que estava a ser realizada,

está de novo o posicionamento da cidade a atravessar um longo período de neblina severa. Projetos abandonados, como o Espinho Surf Destination, outros que ficaram por criar, como a competição internacional de horseball, a reativação das competições internacionais de ténis, as competições internacionais de golfe, o festival de gastronomia de Espinho e a criação de outras marcas do município para o mercado internacional, foram peças do puzzle (estratégia) que ficaram por completar. Quem perdeu foram os cidadãos, foi o município, os empresários, o país e os turistas que poderiam ser muitos mais, a visitarem a nossa 'grande' e linda cidade.

Claro que os eventos internacionais que a cidade já tinha como o FEST, Cinanima, Festival Inter-

nacional de Música – na área da cultura; ou o circuito mundial de voleibol de praia (mesmo com menor quota de mercado de comunicação, do que no passado) – no Desporto; são já parte da identidade de Espinho. Mas deviam ser inseridos numa estratégia de posicionamento global da cidade, assim como os eventos locais e regionais.

Enquanto andamos a brincar com o posicionamento e com a estratégia de *city branding*, perdemos oportunidades únicas e diferenciadoras de nos afastarmos das cidades concorrentes. Valha-nos a antiga glória dos pensadores e intelectuais que habitavam e caracterizavam a Rainha da Costa Verde. ●

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia




I Encontro Internacional Ferroviário de Espinho

22 de junho '23

Praça Progresso | Espinho

14:15 | Boas-vindas

14:30 | Sessão de Abertura

14:45 | O Projeto "À Volta do Vale das Voltas"

15:00 | Reflexões sobre a Ferrovia

16:30 | A Ferrovia no PNI 2030

16:45 | Coffee Break

17:00 | Apresentação do Livro
«Linha do Vouga - Património Imaterial»

17:15 | Apresentação do Filme
«À Volta do Vale das Voltas»

17:20 | Sessão de Encerramento






Poesia

Palavras imortalizadas na poesia

Com uma pujante irreverência, Alberto Barbosa, conhecido por Beka, brindou e saudou a nova cidade de Espinho com mais um dos seus magníficos poemas.

Na edição da Defesa de Espinho, datada de 23 de junho de 1973, as palavras impressas foram imortalizadas e hoje são referência dos tempos vividos.

Apesar de ter nascido em Rio Meão (1897), Beka adotou Espinho como a sua cidade e foi um exímio pensador e mestre na hora da escrita. Faleceu a 28 de maio de 1978.

Carlos de Moraes partilhou com Alberto Barbosa o gosto e a paixão pela poesia. Dois anos antes de falecer (5 de outubro de 1975), também brindou os leitores da Defesa de Espinho com o poema "Berço Glorioso". O trabalho publicado na edição de 23 de junho de 1973 é também uma alusão à passagem de vila a cidade.

Berço Glorioso

(à jovem Cidade de Espinho)

Assim como JESUS da Galileia,
Nascido num alpendre de pastores,
Foi chama que alastrou pela Judeia
E encheu a Terra e o Céu de esplendores,

Igualmente, em palheiros, sobre a areia,
Numa aldeia de humildes pescadores,
Nasceu ESPINHO! ... E, em lances de epopeia,
Soube atingir as proporções maiores! ...

Que importam berços de ouro, ou berços pobres?
- O que enche a VIDA são as vidas nobres...
- Nobre é o esforço que jamais se perde...

Nobre foi toda a força humana e viva
Que duma tosca aldeia primitiva
Fez a CIDADE EM FLOR da COSTA VERDE!...

Carlos de Moraes
Junho de 1973

Gazetilha

Comemorando a cidade...

Dez palheiros na praia, junto ao mar,
Um ponto. Um nada, nessa imensidade...
- Nasce Espinho: - Sua sina é não parar,
Até chegar à meia – e ser Cidade!

Foi lugar, foi freguesia,
Foi Vila! – Abrindo caminho,
Pôde gritar neste dia:
- Viva a Cidade de Espinho! ...

Espinho, é filho do Mar.
Tem, das ondas a ansiedade
De se expandir, de avançar:
Assim cresceu: - E é Cidade!

Valeu a pena teimar,
Com valor e dignidade;
- Fez o Governo pensar:
- Deu-nos brasão de Cidade!

Espinho – é desembraço!
Sua gente nunca pára;
Não lhe agrada “marcar passo”:
Tendo “munições” ... dispara!
Como não deixou passar
A sua oportunidade,
Acabou por acertar
No seu alvo: - Ser Cidade!

Alberto Barbosa (Beka)



Manuel Sancebas

Espinho

Se não tivesses encanto
Ninguém te abraçava tanto
Sou teu filho embevecido.

Espinho,
Sonharam ... e apareceste
Foste aldeia até seres vila
Anta é a tua mãe
Que de ti hoje se ufana
Olhando-te com vaidade
Ao ver-te agora cidade.

Meio século é orgulho nosso
É um feriado vareiro
O mar a rir-se com a areia
É prazer que não se perde
Porque tu és a cidade
Rainha da Costa Verde.

Sancebas
16.06.2023

Qualidade e conveniência, aos melhores preços.

SUPERMERCADO

Novo Oriente

RUA 31, N.º 914 ESPINHO ☎ 22 734 6230

COVIRAN

APARTAMENTOS T0, T1, T2 e T3.
Totalmente equipados, com TV Cabo mais Sport TV, telefone, garagens, limpezas. Rua 62, n.º 156. Tlf. 227310851/2 - Fax 227310853

QUARTOS, c/ casa de banho privativa, c/ cozinha, pequeno-almoço, tratamento de roupa, garagem e TV Cabo mais Sport TV. Tlf. 227340002 ou 227348972

DEFESA DE ESPINHO - 4754 - 15 JUNHO 2023

SPORTING CLUB DE SILVALDE CONVOCATÓRIA ASSEMBLEIA GERAL

Convoca-se todos os sócios, do Sporting Club de Silvalde, para uma assembleia geral extraordinária, que decorrerá no dia 19/6/2023, pelas 21h00, na sua sede, para apreciação e votação da seguinte ordem de trabalho:

- 1º) votação das contas do período de 01/04/2022 a 31/05/2023;
- 2º) aprovação plano atividades para o período de 01/06/2023 a 31/5/2024;
- 3º) assuntos de interesse geral;

Notas:

• Caso volvidos 30 minutos, sobre a hora marcada para a reunião, em primeira convocatória não exista quórum constituído, a Assembleia Geral reunirá, de imediato, em segunda convocatória, qualquer que seja o número de Associados presentes;

Silvalde, 2023-06-05



Clínica Pacheco
DR. JORGE PACHECO

Clínica Dentária de Reabilitação Oral

**IMPLANTOLOGIA (ALL ON 4) • CIRURGIA ORAL • ESTÉTICA DENTÁRIA
REABILITAÇÃO ORAL • ORTODONTIA (TB INVISALIGN)**

SAMS | SAMS Quadros | Saúde Prime Victoria Seguros
| Future | Healthcare | Salvador Caetano

Rua 8, n.º 381 Espinho | 227 342 718 / 929 074 937
clinicajorgepacheco@net.novis.pt

PASSA-SE

**PASTELARIA
SALÃO DE CHÁ
EM ESPINHO.**

BOM PREÇO.

914 869 166 223 286 151

Especialidade em Peixe de Mar

Os Melinhos
Restaurante Marisqueira

Rua 2, n.º 1269 - 4500-261 Espinho • Telef. 220193486 • Tlm. 916921089

CLÍNICA DENTÁRIA DE ESPINHO

PROF. DOUTOR
CASIMIRO DE ANDRADE

RUA 22 (JUNTO À CÂMARA)
TLF. 227 344 909 / 968042300 / 919 002 700

CLÍNICA MÉDICA

DR. JOAQUIM MENDES & FILHA, LDA

CONTINUA EM ATIVIDADE NA RUA 14, N.º 448
E EM EXPANSÃO DO SEU CORPO CLÍNICO

FAZEM-SE DOMICÍLIOS TLF. 227 341710 - TLM 939 449 380

necrologia

† HERMÍNIO CASAL DA SILVA

AGRADECIMENTO E MISSA DO 7.º DIA



CIDADE DE ESPINHO

Na Impossibilidade de agradecer direta e pessoalmente, Sua Família vêm por este único meio agradecer muito reconhecida, a todas as pessoas das suas relações e amizade que compareceram no funeral do seu ente querido, bem como aquelas que de outro modo lhe manifestaram o seu pesar e comunicam que a missa de 7.º dia, por sua alma, será celebrada sábado, dia 17 pelas 19:00 horas no Auditório do Salão Paroquial de Espinho, agradecendo desde já a todos os que comparecerem neste ato religioso.

Espinho, 15 de junho de 2023

Meco Funerária – São Félix Da Marinha - Gaia / 916917316 - 915168874

† AUGUSTO DA ROCHA SOARES

PARTICIPAÇÃO DE FALECIMENTO E AGRADECIMENTO



Anta (Rua Professor Dias Afonso)

A família vem por este meio participar, com profundo pesar, às pessoas de suas relações e amizade o falecimento do seu ente querido, agradecendo a todos quantos se associaram à sua dor.

Anta, 15 de junho de 2023

MARIA SOARES PEREIRA – ESPOSA
OLÍVIA MARIA PEREIRA SOARES – FILHA
HELENA SOARES – NETA

Agência Fun.ª Nova Esperança (Luís Alves) – Rua 31, N. 445 Espinho Tlm. 914 249 496

† MARIA FERREIRA SOARES

AGRADECIMENTO



Anta (Rua das Lameiras)

Seus filhos, netos e demais família vêm por este meio agradecer a todas as pessoas de suas relações e amizade, que tomaram parte no funeral e missa de 7.º dia da sua ente querida ou que de outro modo se associaram à sua dor. A família desde já agradece.

Anta, 15 de junho de 2023

Agência Fun.ª Maria de Lourdes, Lda. Anta – Espinho Tel. 227340609 – 966 225 173

† VICTOR MANUEL CORREIA SANTOS

MISSA DO 34.º ANIVERSÁRIO



Seus pais e irmãos, com muito amor e saudade vêm, por este meio, lembrar mais um aniversário da sua partida, e que será celebrada missa em sua honra, quinta-feira, dia 22, às 19 horas, na Igreja Paroquial de Anta.

Anta, 15 de junho de 2023



† CELESTE DA CONCEIÇÃO HENRIQUES DA SILVA

01/03/1914 - 21/06/2003

A família, evoca a sua memória com imensa saudade e comunica que será celebrada missa, por alma do seu ente querido, no dia 21, quarta-feira, pelas 19h no Auditório do Centro Paroquial de Espinho. A família agradece desde já a todos os presentes.



† ANTÓNIO DUQUE NUNO

EX-CHEFE DA ESTAÇÃO DE ESPINHO
MISSA DE ANIVERSÁRIO NATALÍCIO

Sua esposa, filhos, noras, netos e sogra, vêm por este meio comunicar que será celebrada missa por alma do seu ente querido, dia 16, sexta-feira, pelas 19 horas, no Auditório do Salão Paroquial de Espinho. Desde já agradecem a quem comparecer.

Espinho, 15 de junho de 2022

Agência Fun.ª Nova Esperança (Luís Alves) – Rua 31, N. 445 Espinho Tlm. 914 249 496



Einhell

10%

DESCONTO EXTRA*

*sob o preço de outlet mediante a apresentação do voucher Defesa de Espinho Válido até 31/10/2023

VISITE O NOSSO OUTLET E DESCUBRA AS INCRÍVEIS OPORTUNIDADES QUE TEMOS PARA SI!

Em toda a gama **EINHELL** e **KWB**

**LOJA OUTLET
EINHELL PORTUGAL**

Aberto todos os dias úteis das 09:00 às 12:00H
Rua da Aldeia 225 Arcozelo - Vila Nova de Gaia

Einhell



Aipal

No coração de Espinho, desde 1964

Parabéns à nossa Cidade!


R. 19, 241


R. 23, 55


R. 18, 1029


R. 26, 972


R. 39, 261


R. 6, 1515